



LIBANUS

REVISTA

Nº 2 – Dezembro 2023

NESTA EDIÇÃO

LÍBANO - ENSAIO
FOTOGRAFICO DE ALEX
SALLIM

GIBRAN E O EXÍLIO

A IMPORTÂNCIA DOS
ESTUDOS ÁRABES NA
ATUALIDADE

ENTREVISTA: PEDRO
SIMON

DOS SEGREDOS DA
CULINÁRIA LIBANESA

ACADÊMICOS DE HONRA



PEDRO SIMON



MICHEL TEMER



ALEJANDRO BITAR



WALDIR JAZBIK



GABRIEL YARED



PAULO COELHO



RONY BARRAK

ACADÊMICOS



LUÍS CARLOS NEJAR



JOSÉ ROBERTO TADROS



ANDREA PACHÁ



JORGE KALIL



SAMIR BARGHOUTI



ROBERTO DUALIBI



TÁRIK DE SOUZA FARHAT



DALAL ACHCAR



ANTÔNIO CARLOS MIGUEL



EVANDRO MESQUITA



JOSÉ MAURÍCIO BUSTANI



ALCY CHUEICHE



ROBERTO FAISSAL



MIGUEL PACHÁ



RICARDO FEHALI



LINDA BUSTANI



RENATA ABALÉM



THEOPHILO MIGUEL



JOÃO BOSCO



GABRIEL CHALITA



KÁTIA CHALITA



CÁSSIA CURAN TURCI



FRANCISCO REZEK



MUNA OMRAN



ADIB KASSOUF SAD



GUGA CHACRA



RAIMUNDO FAGNER



TIM RESCALA



PAULO SAAD JAFET



MAURÍCIO YOUNES-IBRAHIM



MAMEED MUSTAFA JAROUCHE



CRISTINA AYOUB RICHE



SORAYA SOUBHI SMAILI



BADI ASSAD

SÓCIOS CORRESPONDENTES



MOUNIR SAFATLI



ROBERTO KHATLAB



MARISA A. THOMÉ



Sumário

Editorial

..... 6-7

Dr. Mauricio Younes-Ibrahim

O Líbano Através dos Séculos

.....8-9

Profa. Dr. Muna Omran

Gibran e o Exílio

.....10-13

Profa. Samira Iasbeck

Pelas palavras de Khalil Gibran

.....14-17

Jorge Alfredo Barcellos

Conto: O espelho, a menina e o mascate

.....18-19

Jordana de Souza Gonçalves, Paulo Vinicus Marques da Silva, Thaís Oliveira

A importância dos estudos árabes na atualidade

.....20-23

Prof. Roberto Khatlab

Da feijoada árabe à feijoada brasileira

.....24-26

Alex Salim

Líbano: Ensaio Fotográfico

.....27-40

Sumário

Dos segredos da culinária libanesa

..... 41-44

Entrevista: Pedro Simon

“O Libanês tem grandeza, ele tem ideal.”

.....>>>>>.....45 -53

Ricardo Düren (gauchazh)

Caso Kliemann/ o famoso caso defendido por Pedro Simon

.....54- 56

Carlos Nejar

Conto: Floresta Encantada

..... 57

Sessão Eventos

Acadêmica Cássia Curan Turci eleita Vice-reitora da UFRJ

.....58

Sessão Cinema: Samir Barghouti

Maroun Bagdadi: Uma vida entre o cinema e a guerra; Uma morte entre o destino e a fatalidade.

.....59-60

Rota da seda no Líbano:

Camponês saciado, Sultão escondido

.....61-62

Sumário

Renata Abalém

O poder de um turbante

.....63 - 64

Mahmoud Darwich

Poesia em Árabe

.....65

Créditos

Corpo editorial *Cristina Ayoub Riche (editora)/ Samir Barghouti (sub-editor)/ Soraya Kassouf Sad/ Marcos Moussallem, Tárík de Souza Farhat, Antônio Carlos Miguel (Colaboradores).*

"A Revista Libanus é uma publicação sem fins lucrativos, com periodicidade trimestral. O conteúdo do(s) artigo(s) e textos publicados na Revista Libanus é de única e exclusiva responsabilidade do(s) autor(es).

A Revista Libanus e a Academia Líbano-Brasileira de Letras, Artes e Ciências não se responsabilizam pelos ideários, conceitos, apreciações, julgamentos, opiniões e considerações apresentados nos textos dos artigos."

* Foto de capa: Alex Salim

© Copyright Libanus – 2023



Editorial

A Revista Libanus, mais uma vez, abre as suas páginas como se abre o coração para aquelas pessoas que têm curiosidade, respeito e sede de conhecimento sobre a sua ancestralidade, notadamente, do universo do Levante, isto é, o conjunto de lugares nos quais as velhas culturas do Oriente mediterrâneo frequentam outras culturas, mais jovens do Ocidente, o que talvez para alguns seja completamente desconhecido e ignorado.

E, como bem ensina Amin Maalouf, o ideal levantino exige de cada um assumir o conjunto de seus pertencimentos e, também, o dos outros. Aspirar alcançar tal ideal é passar da barbárie à civilização.

Nestas páginas estamos a convidar o pensamento a interpretar este mundo disruptivo à beira do naufrágio tendo como diretriz vencer a apatia e a resignação, dando espaço para a ética e ampliando a resiliência que reconhece a identidade na diversidade. Afinal, somos todos cedros do Líbano e não podemos falhar na nossa humanidade!

Vivemos tempos difíceis, guerras, êxodos, ruínas civilizatórias, desprezo ao conhecimento, negacionismo, entretanto, como filhos do Levante pretendemos manter intacta a nossa confiança, a nossa coragem e a nossa força num futuro mais generoso, amoroso e solidário, por meio das letras, das artes e da ciência.

Visando, cada vez mais, aproximar o nosso leitor, a Revista Libanus conta agora com um site próprio na web.

Foi pensando naquelas pessoas, descendentes de libaneses que ainda não conhecem as terras dos seus ancestrais, que convidamos Alex Salim para apresentar um ensaio fotográfico publicando nesta segunda edição um registro magnífico, com o intuito de proporcionar-lhes uma viagem afetiva a tão lindos sítios e terem a oportunidade de, em algumas fotos, identificarem as obras de Oscar Niemeyer, o grande arquiteto brasileiro, que soube integrá-las lindamente às paisagens libanesas.

O cardápio da leitura é bem diverso, estão presentes nas páginas da Revista os autores Maurício Younes-Ibrahim, com *O Líbano através dos séculos*; Muna Omran, que aborda em seu artigo a temática *Gibran e o Exílio*; Samira lasbeck, com o texto *Pelas palavras de Khalil Gibran*; Jorge Alfredo Barcellos com o conto *O espelho, a menina e o mascate*; e os estudantes do Setor de Estudos Árabes da Faculdade de Letras da UFRJ, Jordana de Souza Gonçalves, Paulo Vinícius Marques da Silva e Thaís Oliveira, que escrevem sobre *a importância dos estudos árabes na atualidade*; e Roberto Khatlab, que em seu artigo aborda *Da Feijoada árabe à feijoada brasileira*; e Carlos Nejar, que nos presenteia com o conto *Floresta Encantada*.

Imperdível a entrevista com o Senador Pedro Simon que afirma: “o libanês tem grandeza, ele tem ideal”. Tão atual, sensível e necessária a poesia do eterno e saudoso poeta palestino Mahmoud Darwich, intitulada *Pense nos outros*, na versão árabe e traduzida para a língua portuguesa.

Nesta edição inauguram-se algumas sessões. A sessão de cinema apresentada por Samir Barghouti trata de *Maroun Bagdadi: Uma vida entre o cinema e a guerra*; na sessão Pequenas histórias, temos a *Rota da seda no Líbano: Camponês saciado, Sultão escondido*; vem da Redação o texto *Dos segredos da culinária libanesa*; na sessão eventos, uma justa e merecida homenagem à confeitira, Acadêmica Cassia Curan Turci, eleita Vice-reitora da Universidade Federal do Rio de Janeiro e a Dra. Renata Abalém, na sessão de TV, que fala da dama das novelas, Janete Clair.

Evoco, mais uma vez, a analogia do que pretende ser a revista Libanus com a biografia do cedro do Líbano, a árvore das árvores, natural das montanhas libanesas, que deslumbra pela sua beleza e fortaleza, mas que costuma frustrar quem o cultiva sem conhecer as suas características singulares. Nos três primeiros anos, alcança uma altura média de 4 a 5 centímetros. Aparentemente, não é muito, no entanto, neste mesmo período suas raízes avançam até 1,3 metro dentro da terra. Aos quatro anos, tem início uma nova fase de crescimento, lento e contínuo, de cerca de 20 cm anuais.

Entre os 20 e 40 anos são geradas as primeiras sementes. Chega à maturidade.

O cedro pode atingir 40 metros de altura e seu tronco talvez supere os 3 metros de diâmetro. A copa tem uma tendência a desenvolver vários patamares, em alguns casos. O cedro se apresenta tão alto quanto largo, constituindo uma imagem de harmonia, vigor e solidez. O cedro vive por séculos e séculos, mantendo a sua saúde, sua altivez e o seu viço. O cedro é paciente, persistente e resiliente, é o fruto da maturação lenta, mas convicta; ele se inicia pequeno, mas sabe que ganhará corpo, vive de forma modesta, enquanto projeta suas raízes profundas. Durante anos nem belo é, mas certamente será o Adonis da floresta futura.

Reiteramos que a Revista pretende ser uma referência e uma fortaleza como os milenares cedros do Líbano, com uma tiragem trimestral, e esta segunda edição foi elaborada com a participação zelosa dos “brimos” Marcos Maurice Moussallem, Samir Barghouti e da “brima” Soraya Kassouf Sad que integram o seu corpo editorial. Contamos, também, com a colaboração dos acadêmicos Antônio Carlos Miguel e Tárík de Souza no Conselho Editorial. A esse grupo tão entusiasmado, nossos sinceros agradecimentos. Gratidão aos que participam desta edição com os seus textos e aportes preciosos.

E como bem observa o Cônsul Geral do Líbano no Rio de Janeiro, Dr. Alejandro Bitar, o Líbano está destinado a sempre existir!

Profa. Dra. Cristina Ayoub Riche Editora da Revista Libanus



O Líbano através dos Séculos

Dr. Mauricio Younes-Ibrahim

A história do povo libanês se confunde com a história da humanidade e contém descrições que remontam a mais de 6000 anos a.C.. Conhecer a história do Líbano não é uma tarefa simples dada a longínqua linha do tempo que separa as gerações contemporâneas dos seus antepassados. Estas dificuldades são sobremaneira reduzidas quando encontramos obras de historiadores que se encarregaram de registrar e imortalizar a saga libanesa.

Neste sentido, venho reverenciar a memória do saudoso Padre Dr. Emile Eddé, que em muito contribuiu para a construção deste legado histórico junto à comunidade libanesa no Brasil. O sacerdote maronita nasceu em Biblos (Jbeil), estudou na Universidade de Salamanca, Espanha, com Mestrado e Doutorado em Teologia na Universidade de Paris. Dotado de uma capacidade literária diferenciada, publicou vários livros e mais de 800 artigos, em 4 diferentes línguas, sendo repetidamente premiado por suas obras.

Membro da Academia do Pensamento Libanês e da Ordem dos Velhos Jornalistas do Brasil, foi Professor de Teologia na Universidade Saint Joseph, em Beirute e na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ). Padre Emile foi Pároco nas Missões Maronitas em Buenos Aires, em São Paulo e no Rio de Janeiro, onde criou a revista "A Missão".

Dentre seus livros, estão: **"Os Fenícios e o descobrimento da América"**, 1969, em árabe; **"Biblos, Berço do Alfabeto"**, 1973, em árabe; **"Renovação das Estruturas Paroquiais da Igreja Maronita"**, 1977, em francês;



"João Paulo II no Brasil", 1980, em francês; **"A Igreja Maronita e o Líbano"** - vol I, 1989, em português; **"O Líbano na História"**, 1993, em espanhol; **"Cristo, Libertador da Mulher"**, 1997, em árabe; **"A família Eddé na História"**, 2000, em árabe; **"O Líbano Através dos Séculos"** vols I e II, 2001, em português.

Na obra **"O Líbano Através dos Séculos"**, editada no Brasil, o autor nos oferece elementos históricos seculares, partindo da chegada dos Cananeus à costa libanesa, populações a quem os gregos chamavam de Fenícios, e suas futuras contribuições intelectuais e civilizatórias que disseminaram a cultura Fenícia para o mundo. A publicação permeia as várias invasões territoriais sofrida pelos Amoritas ou Babilônios, Assírios, Neobabilônicos, Persas, Alexandre, o Grande, da Macedônia, Romanos, Bizantinos, Turco-Otomanos (1516-1918), o Protetorado Francês (1918), o Grande Líbano se transformando na República Libanesa (1926) e a Independência do Líbano (22/11/1943), culminando com uma resenha contemporânea da história do país no final do século XX.

Segundo alguns historiadores, a palavra Líbano significa "a montanha dos perfumes", com referência ao perfume exalado pela árvore do Líbano (derivado do árabe al-lubán - "o leite") planta também chamada Franquincenso ("verdadeiro incenso"), que se espalha em abundância perfumando a região.

Para outros autores, Líbano seria o nome de um herói divinizado; para outros ainda, na versão que parece a mais correta, seria “a montanha branca”, em alusão às altas montanhas permanentemente cobertas de neve, uma característica que distingue aquela região dos demais países do oriente próximo. O Líbano, localizado entre 33 e 35 graus de latitude Norte e entre 33 e 34 de longitude Oeste, tem formato retangular medindo cerca de 200 Km x 50 Km e suas limitadas dimensões territoriais são manifestamente desproporcionais à sua grandeza histórica e cultural. A geografia territorial é composta de uma planície costeira, uma cadeia de montanhas denominada Monte Líbano, um planalto central, a Bekaa, e uma segunda cordilheira, o Anti-Líbano. Nas cercanias dos mais altos cumes (Kornet Es-Saude e Darh A-Kadib, com 3090 e 3000 m de altitude, segue erguida uma floresta com os últimos remanescentes dos milenares de Cedros do Líbano.

Padre Emile nos ensinou que a idade Paleolítica, 80.000 anos a.C. marca a primeira presença humana no Líbano (sítio de Aadloun); Que as grutas do vale do Narh el-Kalb, de Ksar Akil (Antelias) e de Abu Halka (Tripoli) datam da idade Paleolítica Média (45.000 anos a.C.); Que a mais antiga cidade libanesa, Biblos (Jbeil) data de 6.000 anos a.C., na idade Neolítica, final dos anos pré-históricos, época em que os homens deixaram as grutas para iniciarem construções em pedra; Que foi na civilização pré-urbana (3.200-3.000 a.c.) que surgiram os padrões de casas libanesas retangulares, circulares e absidal, com 3 cômodos; Que na época da civilização urbana (3.000-2.500 a.C.) os Fenícios ocuparam a costa libanesa e a região meridional da Síria, coincidindo com a fundação das cidades-estados mercantes (Tiro - 2750 a.C.); Que, já no século XVIII ou XVII a.C., os Fenícios deram uma contribuição definitiva para a humanidade criando o alfabeto. A comunicação por sinais pseudo-hieroglíficos da época continha uma infinidade de desenhos simbólicos e pictogramas e foram substituídos por 22 símbolos fonéticos convencionados, dando origem à escrita alfabética.

A partir de então, pela simplicidade cartesiana, o alfabeto Fenício foi adotado universalmente.

Com suas embarcações construídas com cedro, a habilidade fenícia para navegação facilitou a expansão e o desenvolvimento do comércio por toda região mediterrânea, onde os fenícios criaram diversas colônias e se expandiram também para outras regiões e continentes, havendo evidências inclusive da presença Fenícia no Brasil. A colônia de maior sucesso foi a cidade autônoma de Cartago que, com a criação posterior de Roma, rivalizou com o Império Romano pelo controle do mediterrâneo.

Conhecimentos em astronomia e matemática foram desenvolvidos para auxiliar na navegação. A influência cultural Fenícia nos povos da antiguidade pode ser simbolizada pela sua convergência histórica com famosos personagens gregos como Zenon, Pitágoras, Thales, Euclides, Píndaro e Porfírio. O ensino superior no Líbano se iniciou no ano 222 d.C., com a fundação da Escola de Direito de Beirute, seguida séculos mais tarde da Universidade Americana de Beirute, em 1866 e com os Padres Jesuítas que criaram a Universidade Francesa Saint Joseph, em 1875.

Da sua permanência no Brasil, Padre Emile deixou muitas saudades entre seus admiradores e amigos, tanto na Paróquia como nos meios Acadêmicos, que se habituaram com o seu constante entusiasmo na defesa e na divulgação da história da cultura libanesa. Esta “Missão” (como a própria revista que criou), ele exercia com maestria e naturalidade, de forma sincronizada com as suas atividades eclesiásticas. Padre Emile partiu do Brasil e deste mundo, mas não nos deixa desamparados, uma vez que sua obra literária permanece cumprindo o papel educador do autor, perpetuando a riqueza e a glória da história do Líbano Através dos Séculos.

Dr. Mauricio Younes-Ibrahim
Membro Titular da Academia Líbano-brasileira de Letras, Artes e Ciências e da Academia Nacional de Medicina

Gibran e o exílio

Profa. Dra. Muna Omran

O escritor libanês mais popular no Ocidente, talvez seja Gibran Kahlil Gibran. Nascido em uma família cristã maronita, em 1883, na cidade Bshari, no vale de Kadisha, norte do Líbano, teve sua infância marcada por dificuldades, já que a família lutava para sobreviver em uma região com poucas oportunidades econômicas. Mas, apesar das dificuldades, sua mãe Kamila Rahma se preocupava com a formação cultural de seus filhos, e Gibran teve acesso ao melhor da educação formal, estudando inicialmente, na escola de Mar Elichaa onde aprendeu os fundamentos do árabe e do siríaco. Depois, passou a frequentar a escola primária de Bshari.

O pai, Khalil Saad Gibran, trabalhava para a administração otomana e foi acusado por desfalque, sendo preso e tendo a maior parte das propriedades da família confiscadas. Por isso, em 1894, após Khalil ter sido libertado, Kamila Rahma decide partir para os Estados Unidos, com suas duas filhas, o filho mais velho, Butrus e o menino Gibran, contando com 12 anos, a decisão foi tomada por Kamila, pois queria ficar meio que longe dos olhares desconfiados e acusatórios da vila, todos partem, exceto o pai de Gibran.

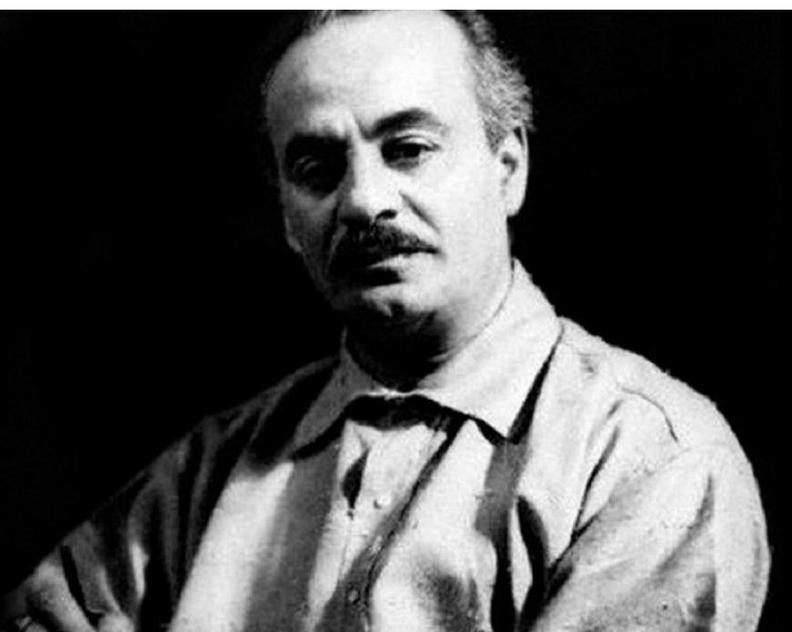
A escolha dos Estados Unidos não foi aleatória, no final do século XIX e início do XX, os levantinos, ainda súditos do Império Otomano, escolhiam o país norte-americano para buscar melhores oportunidades sociais e econômicas. Neste período, o fluxo migratório de sírios e libaneses aumentou significativamente.



Por um lado, havia o fator econômico, a crise da indústria da seda foi o principal motivo para a imigração e por outro, politicamente, a ascensão do movimento dos Jovens Turcos com sua política autoritária que levava a repressão e a perseguição nas províncias otomanas.

Conseqüentemente, muitas famílias imigravam para os Estados Unidos, Argentina e Brasil, aquelas que iam para a América do Norte se estabeleciam em cidades como Nova York, Detroit e Boston, onde procuravam trabalho nas indústrias manufatureiras e no comércio. Os primeiros que chegaram, já estabelecidos, formavam a rede de solidariedade para receber novas famílias, e a família de Gibran era uma delas. Kamila começa a trabalhar como costureira vendendo sua produção de porta em porta, logo depois, passa a costurar em casa com suas duas filhas e Butrus vendia em seu pequeno comércio a mercadoria produzida por elas.

Enquanto a família trabalhava, Gibran trilhava seus caminhos na formação cultural, a família o matriculara em Quincy, numa turma de filhos de imigrantes de diferentes nacionalidades, este era o primeiro do menino Gibran com a diversidade cultural americana.



Paralelo aos estudos formais, a influência da mãe de Gibran foi determinante para seu crescimento cultural e fortalecimento do vínculo com a língua e cultura árabe, mesmo vivendo no “mahjar”. Kamila contava lendas típicas da cultura libanesa para o menino Gibran, e foi ela que, ainda, estimulou o seu gosto para a música e o desenho. Quando ele completou 15 anos, ela o enviou para estudar no Líbano, retornando aos EUA quatro anos depois, em 1902, porém um ano depois, sua mãe e irmão morreram, marcando profundamente o jovem escritor, suas irmãs assumiram a criação do adolescente, e continuaram a estimulá-lo para a vida literária.

Durante sua vida nos Estados Unidos, Gibran também teve contato com alguns dos grandes artistas e escritores da época, como Auguste Rodin, Carl Sandburg e Mary Haskell. Essa tornou-se uma grande amiga e sua protetora, apoiando-o financeiramente e emocionalmente ao longo de sua carreira. Sua primeira coletânea de poemas em árabe foi publicada em 1906, intitulada "As Ninfas do Vale", sua obra destaca-se pelos temas como o amor, a liberdade, a espiritualidade e a busca pelo significado da vida.

Apesar de ter passado grande parte de sua vida no exílio, Gibran nunca se esqueceu de suas raízes libanesas e frequentemente escrevia sobre temas e experiências do Líbano. Ao longo de sua vida, visitou o seu país de nascimento algumas vezes, incluindo uma viagem significativa em 1920, durante a qual buscou inspiração para escrever "O Profeta", a obra que o levou a um reconhecimento mundial.

Publicado há exatos cem anos, “O Profeta” é composto por 26 capítulos, cada um abordando um tema diferente, como amor, casamento, filhos, trabalho, espiritualidade e exílio, e este tema será o nosso recorte. O livro foi muito popular na década de 1960, vendendo cinco mil cópias por semana, fazendo com que ficasse atrás apenas de William Shakespeare e Lao Tzu.

O personagem principal é Almustafa, que em árabe significa o “Escolhido” e o “Amado” (Al – Mustafá), assim como Gibran é também um exilado. Almustafa vivia na fictícia cidade de Orfalese, tornando-se o “amado” e o “escolhido” pelos habitantes. Doze anos depois, é chegada a hora de sua partida. Antes de deixar a cidade, é abordado por uma multidão de pessoas pedindo que ele compartilhasse seus conhecimentos e sabedoria.

Assim, Almustafa começa a falar sobre diferentes aspectos da vida, tocando em questões profundas e universais. Ele aborda temas como a dor, o amor, a amizade, a culpa, a liberdade e a morte. As reflexões de Almustafa são apresentadas em forma de poesia, de uma maneira simples e profunda. Existem muitas lições valiosas em “O Profeta”, como a importância de amar a si mesmo e aos outros, o valor do trabalho e da honestidade, e a necessidade de se aceitar a dor como parte da vida. Mas, como já dito, vamos tratar aqui de um tema que está também presente na obra: o exílio.

Gibran era um escritor da diáspora libanesa nos EUA e como todos os imigrantes, vivia entre duas culturas: a árabe-libanesa e a americana, esse conflito, marca dos diaspóricos, o levava a buscar um entrelugar para ser uma unidade e como seu alte rego, o personagem Almustafa, vive em constante deslocamento, sempre no movimento de desterritorialização e e reterritorialização. Almustafa fala sobre a saudade da terra natal e da sensação de solidão que o acompanha no exílio, quando afirma que mesmo se afastando da terra em que se nasce nunca se poderá afastar da nostalgia que persegue o imigrado “ o exílio é a solidão daquele que se vê desterrado de sua pátria”.

A obra aponta ainda para o exílio interior, em que o indivíduo se sente distante de si mesmo e dos outros. Sob esse viés, recorreremos para o pensador palestino Edward Said (1935-2003) que em “Reflexões sobre o Exílio” (Companhia das Letras, 2003) mostra que o exílio representa uma ruptura

com o passado e com as estruturas de poder que governam a vida dos exilados. Isso pode levar a uma sensação de deslocamento, perda de identidade e alienação.

No entanto, Said também afirma que além de ser uma fonte de resistência política, o exílio também pode ser uma fonte de criatividade e inovação cultural. Os exilados muitas vezes encontram maneiras de se adaptar a novos ambientes, integrando elementos de suas culturas de origem com as novas culturas que estão sendo expostas ou, ainda, podem usar sua posição de marginalidade para desafiar e criticar as estruturas de poder que os forçaram a deixar seus países de origem. Essa mistura de influências pode gerar novas formas de arte e expressão cultural. Portanto, para Said, o exílio é um fenômeno complexo, que pode ser tanto uma fonte de sofrimento quanto de criatividade e resistência. Porém, independentemente dos efeitos específicos do exílio, o pensador afirma que esta experiência deve ser levada a sério como um fator importante na formação da identidade cultural de uma pessoa.

Assim, analisando a obra “O Profeta”, de Gibran, à luz das reflexões de Said, observamos que estes escritores, em diferentes épocas, imigram para os EUA, com a mesma idade, ambos com 12 anos, ambos vivem o choque da diáspora e ambos trazem a experiência do exílio em sua obra.

Said analisa as formas pelas quais o Ocidente tem construído uma imagem do Oriente como uma entidade homogênea e exótica. Já em “O Profeta”, Gibran explora a busca por um sentido de pertencimento e a descoberta da identidade própria. O exílio é visto por Said como uma condição complexa, que pode ser entendida em diferentes níveis: desde o exílio físico, como a expulsão de um país, até o exílio interior, em que o indivíduo se sente desconectado de suas raízes, ele descreve o exílio como uma força que pode moldar a vida dos indivíduos e das sociedades.

Escritores como Said e Gibran, autores diaspóricos, foram envolvidos geograficamente na América, e foram espiritualmente algemados ao Oriente. A experiência do exílio, para Said, é marcada pela perda do lar e pela sensação de estar fora do seu lugar de origem. Ele acredita que esse sentimento de desenraizamento pode gerar uma profunda tristeza. Isso quer dizer, que nas reflexões de Edward Said, o exílio aparece tanto como uma “fratura incurável”, que produzirá uma tristeza que jamais poderá ser superada, quanto uma possibilidade de justapor diferentes perspectivas culturais, algo que reduzirá essencialismos e intransigências culturais, ampliando, por outro lado, a empatia com o outro, e também pode ser uma fonte de criatividade e renovação.



Nesta ordem, podemos constatar que tanto Edward Said quanto Gibran Kahlil Gibran, cada um em seu tempo, foram influenciados pelo exílio em suas obras, e isso é evidenciado em temas como a busca por identidade, a nostalgia pelo país de origem, a crítica social e a religião.

Gibran produz uma obra como “O Profeta” na qual o exílio é abordado como uma experiência da saudade, da solidão e da desconexão consigo mesmo e com sua essência. Almustafa nos ensina que “você pode se afastar da terra que o viu nascer, mas nunca poderá se afastar da nostalgia que te persegue. O amor pela terra é como uma flecha cravada em seu coração. E o exílio é a solidão daquele que se vê desterrado de sua pátria.”.

O “O Profeta”, como todos os clássicos, é uma obra atemporal, que tem sido admirada por leitores de todas as idades e culturas ao longo de um século e que continua a inspirar pessoas em todo o mundo com suas mensagens de amor, sabedoria e esperança.

Profa. Dra. Muna Omran

Doutorado em Teoria e História Literária pela Unicamp. Professora colaboradora do PPGL da UFF. Profa. visitante PUC-PR. Co-fundadora e Pesquisadora Sênior do Gepom (Grupo de Estudos e Pesquisa do Oriente Médio). Dramaturga. Membro da Academia Líbano Brasileira de Letras, Artes e Ciência, cadeira número 25.

Pelas palavras de Khalil Gibran

Por Samira Iasbeck

Qual o seu legado?

Pode parecer uma pergunta simples e curta. Curta nas palavras, mas profunda demais para uma resposta rápida. Talvez leve uma vida para descobrir o que quer deixar como seu legado. Essa pergunta fica ainda mais séria quando se torna mãe ou pai.

Por muitos anos recebi de herança sabores. Foi pela comida que meus avós maternos me fizeram conhecer um pouco a terra dos nossos antepassados: o Líbano. Hoje sinto que é pouco, aos poucos vou perdendo também algumas receitas de quibe feito com esmero ou da kafta com sorrisos de Natal. Foi o que pude receber do pouco que lhes restava da cultura que carregavam ainda em vida, passada pelos seus ancestrais.

Com a chegada da nova geração, e a despedida dos meus avós, precisava encontrar mais dessa cultura e desvendar mais das histórias dos antepassados e encher um pouco mais a bagagem de meu filho para a vida, para além das bolinhas de quibe cru “secretamente” roubadas.

E, por obra do destino (ou não) eu me reencontro com a obra de Khalil Gibran: *O Profeta*. Confesso que, desde que conheci seu texto, eu me apaixonei e tornei este livro o companheiro das minhas reflexões.

Eu queria tê-lo conhecido em vida, participado de um dos jantares que menciona em suas cartas para Mary E. Haskell. Seria eu uma das convidadas que não se cansaria de falar? Ou seria aquela mulher quieta que observava a fala do marido e despertaria em Gibran a conclusão de que o homem se faz pela mulher? Não sei e, claro, nunca saberei. Mas não falta imaginação.

O centenário de publicação da obra *O Profeta* me fez viajar em seus outros livros e mergulhar nos seus textos: nas suas parábolas sábias, na beleza artística com que pinta suas palavras, que tem o poder de despertar emoções nas almas mais fechadas.



“Eu vivo torturado porque as pessoas, em vez de usarem imagens, não param de falar nunca, e não posso interrompê-las a cada instante. Uma torrente de palavras, palavras, palavras está sempre jorrando e, mesmo assim, ninguém se dá realmente conta do que está dizendo.” (Coelho, Paulo. *As Cartas de Amor do Profeta*. Unknown. Edição do Kindle.)

“Tive uma noite excelente na Sociedade de Ciências e Artes. W.B. Yeats estava lá com sua esposa, e leu trechos de seus poemas. Ela é muito estranha; enquanto Yeats recitava seus versos, parecia retraída e inexpressiva. No entanto, quando nos sentamos para jantar juntos, ela mostrou-se viva, interessada, e extremamente culta. Parece que Yeats entende a importância dessa mulher em sua vida. O propósito da existência sempre se manifesta através do lado feminino; é a única maneira que o homem tem de compreender sua missão.” (Coelho, Paulo. *As Cartas de Amor do Profeta*. Unknown. Edição do Kindle.)

Assim começo a minha viagem de retorno ao país dos meus antepassados, para conhecer um Líbano lírico de belezas naturais inigualáveis onde a primavera é poética e seus jardins de cedro podem transcender seu odor no tempo e no espaço. Um Líbano também de contradições, de desigualdades, de dificuldades que não deixa de ser amado e lembrado com carinho em terras distantes.

Lendo *As Ninfas do Vale*, fiquei encantada com as paisagens descritas, mas muito mais que isso, fiquei encantada com a capacidade de Gibran de compreender o universo feminino e a condição da mulher na sociedade. Como um homem poderia ter esta compreensão no início do século XX? Reconhecer a condição social da mulher e suas opressões sutis (ou nem tão sutis assim)?

Khalil transmite em seus textos uma alta capacidade reflexiva sobre o mundo e uma sabedoria que é quase inalcançável aos mortais.

Em *Espíritos Rebeldes* ele foi capaz de me lembrar da cultura da mediação de conflitos e como a comunicação é importante e o quanto as verdades de cada história são relativas e que há sim uma verdade, uma razão de estarmos no mundo: “*Não viemos a este mundo na qualidade de proscritos, mas como crianças ignorantes, para que possamos aprender com as belezas e os segredos da vida a veneração do Espírito eterno e universal e a busca das coisas ocultas da alma.*”

Em *O Louco*, ele desperta em nós uma capacidade ainda maior de reflexão sobre o que de fato é normal e o que podemos chamar de loucura. Foi uma loucura meus antepassados virem de navio para o outro lado do mundo com seus filhos pequenos e minha bisavô grávida de meu avô, para um país completamente diferente em cultura, desconhecido, especialmente a língua? Quais eram suas expectativas? Como foi encontrar a realidade no Brasil? Por que o Brasil?



Khalil Gibran sem dúvidas foi *O Mensageiro* para mim em vários aspectos, algumas vezes relembro algo já dito em família ou então trazendo sentido para a minha vida. Na sua obra, relembra uma frase que sempre ouvi em casa, coisas vem e vão, mas nosso nome, nosso caráter, ou nas palavras de Gibran, nossas virtudes, estas permanecem conosco, não importa o momento em que passamos.

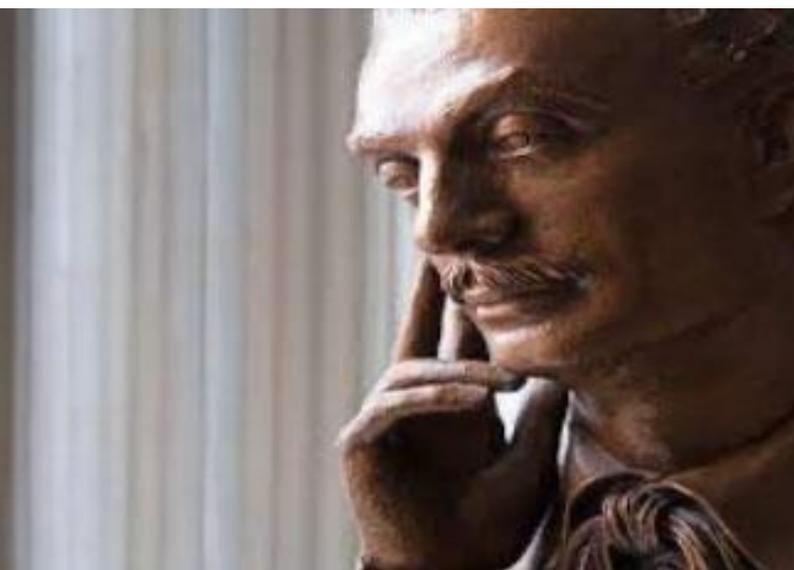
Em *Asas Partidas*, eu me reencontro com a maternidade, com o maior amor de todos, muitas vezes acredito mesmo que é meu filho que vai me conduzir e dar sentido a tudo que faço nesta vida. Selma não realizou seu amor platônico juvenil, faleceu com os filhos nos braços recém-nascido. Eu chorei também, sob o seu túmulo, choro da tristeza: quantas mulheres viveram e vivem sem poder viver o amor? Existe algo mais importante que o amor?

Por pouco, deixo passar a importância da religião para a minha família. Como cristãos ortodoxos, os crucifixos, o terço, as orações e a bíblia era algo tão presente que não poderia nunca imaginar uma casa sem eles. Tenho até hoje meu primeiro livro de orações que minha mãe me deu ainda criança. Nem sempre minha fé foi tão forte diante das injustiças de nossa sociedade, confesso. Khalil Gibran tinha fé, uma fé na vida e nos ensinamentos de Jesus Cristo apesar de todas as suas intempéries vividas.

Ele tinha uma fé que vai no cerne do que é a palavra cristã, para além da religião. Ele foi capaz de demonstrar em texto como devemos ser capazes de compreender Cristo, compreender as várias possibilidades de percebê-lo, seja pelo olhar de Maria Madalena, ou pelo olhar de Caifás, ou sob o olhar de um Pastor do sul do Líbano que por ventura esbarrou com Jesus em suas andanças. *Jesus, o filho do homem* foi sem dúvidas o livro de Gibran que mais me surpreendeu. Como ele conseguiu escrever tantas percepções diferentes sobre Cristo, de pessoas que o conheceram em vida? Este livro é sem dúvidas um convite para nossa reflexão sobre como vemos os outros e a nós mesmos. Nem Cristo foi percebido de forma unânime, imagine nós?

Eu nunca tinha pensado em como tudo poderia vir para mim com tamanha profundidade, Khalil Gibran me demonstra que, não apenas nas relações familiares posso refletir sua sabedoria, mas em meu trabalho também. Em *A voz do mestre*, publicada décadas após seu falecimento, marca ainda mais o seu legado e deixa claro que o conhecimento é uma das maiores riquezas humanas, a única que *“os tiranos não podem roubar.”* E, nesta obra deixa bem claro sua posição contra a violência e contra as guerras, algo tão valioso para mediadores de conflitos, como eu.

Com, certeza a sua obra prima, *O Profeta* é o grande presente do escritor para a humanidade, que este ano completa o centenário de sua primeira publicação e continua sendo um dos livros mais lidos do mundo. Cada página tem a sabedoria e a beleza poética mais sublime, tratando dos temas humanos mais importantes, casamento, filhos, trabalho, amizade, dentre outros. É impossível tentar aqui sequer pincelar um pouco do que ele traz em cada um dos capítulos, só consigo concordar com Mary Haskell quando teve a oportunidade de ler a obra:



“Meu amado Kahlil, bendito seja, bendito seja, por ter dito tudo isso, e por ser um trabalhador capaz de dar à vida interior uma manifestação visível. Bendito seja por ter a energia e a paciência do fogo, do ar, da água, e da rocha. Este livro será um tesouro da literatura. Quando nossa alma estiver escura, nós o abriremos, para de novo encontrar o Céu e a Terra dentro de nós mesmos. Ele resistirá a muitas gerações, que continuarão encontrando em suas páginas o que necessitam ouvir, e será cada vez mais amado, à medida que os homens entenderem melhor a si mesmos.”

Pelas palavras de Gibran, iniciei uma viagem para encontrar meus ancestrais e, por elas, descobri que toda a riqueza, a luz, a verdade que possa ter herdado está dentro de mim. Que a sabedoria das palavras de Gibran possam despertá-las e que eu tenha a condição de potencializá-las e transformá-las em minha vida, que a minha verdade seja meu legado. Grata pela leitura e companhia nesta viagem!

Samira lasbeck

Escritora; Mestre Mestra em Ciência Ambiental, pela Universidade de São Paulo (USP).

Livros citados no artigo:

Coelho, Paulo. As Cartas de Amor do Profeta . Unknown. Edição do Kindle.

Gibran, Khalil. O Mensageiro: Suas Parábolas e Poemas, p. 89, Montecristo Editora. Edição do Kindle.

GIBRAN, Khalil. A voz do mestre. São Paulo: Mantra, 2018.

GIBRAN, Khalil, Espíritos Rebeldes, tradução de Edson Bini. São Paulo: Mantra, 2018.

GIBRAN, Khalil. Asas partidas. Rio de Janeiro: Record, 2021.

GIBRAN, Khalil. Jesus, o filho do homem. São Paulo: Mantra, 2016.

Gibran, Khalil. O Louco: Suas Parábolas e Poemas, Edições29, 2022. Edição do Kindle.

Gibran, Khalil. Ninfas del Valle. Panamá: Fragata Cultural. Edição Kindle.

GIBRAN, Khalil. O Profeta. São Paulo: Mantra, 2018.

“Eu vivo torturado porque as pessoas, em vez de usarem imagens, não param de falar nunca, e não posso interrompê-las a cada instante. Uma torrente de palavras, palavras, palavras está sempre jorrando e, mesmo assim, ninguém se dá realmente conta do que está dizendo.” (Coelho, Paulo. As Cartas de Amor do Profeta . Unknown. Edição do Kindle.)

“Tive uma noite excelente na Sociedade de Ciências e Artes. W.B. Yeats estava lá com sua esposa, e leu trechos de seus poemas. Ela é muito estranha; enquanto Yeats recitava seus versos, parecia retraída e inexpressiva. No entanto, quando nos sentamos para jantar juntos, ela mostrou-se viva, interessada, e extremamente culta. Parece que Yeats entende a importância dessa mulher em sua vida. O propósito da existência sempre se manifesta através do lado feminino; é a única maneira que o homem tem de compreender sua missão.” (Coelho, Paulo. As Cartas de Amor do Profeta . Unknown. Edição do Kindle.)

Veja: “Entendessem as pessoas a linguagem do silêncio, e então estariam mais próximas dos deuses do que dos animais selvagens da floresta.” (GIBRAN, Khalil, Espíritos Rebeldes, tradução de Edson Bini. São Paulo: Mantra, 2018, p.36).

Quando Khalil escreve a primeira história de Wardé e Rashid, no livro Espíritos Rebeldes, consegue trazer os olhares de cada personagem sobre a separação e cada um com a sua verdade. Além disso de uma forma bem reflexiva traz à tona um questionamento dentro do que chama monólogo mental, abrindo as portas para o leitor sair da lógica de culpabilidade: “Qual deles é o opressor e qual é o oprimido? Realmente, quem é o culpado e quem é o inocente?” (idem, ibidem, p. 25)

“...aquelas coisas sobre as quais a Fortuna tem influência - bens materiais, dinheiro, posses, posição - são fracas, inconstantes, propensas a perecer e de posse incerta. Por outro lado, as obras da virtude são livres e insubmissas, nem mais dignas de serem procuradas quando a Fortuna as trata com bondade, nem menos dignas quando alguma adversidade pesa sobre elas.” (Gibran, Khalil. O Mensageiro: Suas Parábolas e Poemas, p. 89, Montecristo Editora. Edição do Kindle).

Veja os trechos: “Quatro coisas um governante deve banir do seu reino – ira, avareza, falsidade e violência.” (GIBRAN, Khalil. A voz do mestre. São Paulo: Mantra, 2018, p. 19). E mais para frente: “É um soldado obrigado pela lei cruel dos homens a abandonar esposa e filhos e ir para o campo de batalha em nome da avidez que seus líderes chamam erroneamente de dever?” (idem, p. 35).



Conto para a Revista Libanus

O espelho, a menina e o mascate

JORGE ALFREDO BARCELLOS

O pequeno espelho de cristal serve à mesma família há várias gerações. Sempre teve uma reflexão perfeita, sem turvação. Gaba-se de não ter rachaduras, lascas e outros danos. Mas anda cansado. Acusa a passagem do tempo. Lembra-se que veio sacolejando aos solavancos por estradas poeirentas a bordo de uma carroça com toldo, puxada por uma parrelha de cavalos. Não sabe a data em que chegou ao Passo do Cipó, mas foi depois que estourou a Primeira Guerra Mundial. Só tinha uma certeza. Era uma encomenda especial para uma mocinha de nome Eulália.

Foi adquirido pelos Souza Borges de um *turco* que mascateava tecidos e miudezas sarandeando pelas entranhas rurais de Rio Grande, Pelotas e Bagé. Na verdade, era um libanês, falava árabe e um português meio arrevesado. O mascate, chamado Habib, era sempre bem recebido por aquelas paragens. Havia conquistado laços de amizade e confiança muito fortes, por meio da mascateação. As pessoas da casa estavam sempre curiosas pelas novidades que trazia e ávidas por adquirir alguma coisa. De dois em dois meses ele aparecia com um novo e variado estoque de mercadorias. Aceitava até pedidos de encomendas, que cumpria religiosamente.

Não é simples encontrar as respostas, que podem residir na composição única e particular desse admirável país, em sua história rica, secular e incomparável.

O mascate usava bombachas e botas, como as pessoas da campanha. Gostava de seu nome e fazia questão de traduzi-lo, explicando em voz alta que Habib em árabe significa amado ou querido. E acrescentava que na sua terra natal também podia ser usado como sobrenome e até como nome próprio de um homem, como no seu caso.

O árabe era um ilusionista, sabia como mexer com a curiosidade e o interesse das pessoas. Marcava presença por ser divertido e atencioso. Um hábil comerciante forjado na intuição e sagacidade típicas dos imigrantes do Oriente Médio. Adquiriu experiência no comércio ambulante trilhando os fundões do pampa. Fazia uso da sua fala envolvente para cativar a freguesia e fazê-la abrir as algibeiras. Vendia fiado e anotava tudo num caderninho de bolso.

Era conhecido pelos seus clientes como o *turco da prestação*.

Tinha o seu bordão favorito e o repetia diante de cada leva de compradores, sobretudo mulheres, alvo principal de suas vendas:

- Venha! Venha! *Habib baz preço, breguesa. Habib baz negócio brestação, senhora.*

Neste dia especial, ao chegar à propriedade, Habib se dirige ao galpão onde esparrama todos os artigos sobre uma mesa. Exalta os produtos e o baixo preço. Depois, passa a conquistar a freguesia que se acotovela no entorno, citando provérbios árabes com graça.

Eulália se aproxima um pouco apreensiva e pergunta:

- Seu Habib, o senhor trouxe a minha encomenda?

O vendedor ambulante coça a cabeça, ergue as sobrancelhas, fecha um olho e, com um jeito matreiro, apanha um saco de aniagem; retira de dentro um espelho de mão, sorri, e responde:

- *Habib non esquece. Habib non falha.* E o entrega à menina.

A guria arregala os olhos. Vibra de emoção. Fica completamente enfeitiçada por aquele cobiçado objeto do desejo. Abraça-o contra o peito, rodopia em torno de si e dispara em direção ao interior da casa. Retorna alguns minutos depois com a mãe a tiracolo.

O mascate se prepara para a negociação, mas logo percebe que não há necessidade. A dona da casa sequer cogita regatear. Contagiada pela alegria da filha, compra ainda tecidos, maquiagem e lenços de seda. O espelho lhe trouxe sorte, pondera o mascate, radiante.

A partir daquele dia, o espelho coloriu e alegrou o quarto e a vida de Eulália. Era delicado, tinha detalhes pintados à mão que encantavam. Por ser prático e versátil, permitia ser carregado na bolsa para qualquer lugar. Assim, tornou-se um fiel aliado.

Décadas se passaram. Hoje é apenas um espelho antigo abandonado numa gaveta da cômoda. Ainda carrega a vaidade; considera-se uma peça de arte rara. No fundo, sabe que seus trunfos são apenas a sabedoria e a experiência acumuladas. Sente saudade daquela época da sua chegada, em especial de Eulália. Juntos compartilharam segredos íntimos, emoções e infortúnios. Mas ela já se foi...

Não há justiça na passagem do tempo. Dizem que um espelho guarda parte da alma da pessoa refletida. Para aplacar a melancolia, relembra e reconforta-se num ditado árabe citado muitas vezes, num tom comovido, pelo mascate libanês:

- *O amor não envelhece, morre menino.*

Jorge Alfredo Barcellos

Escritor diplomado da Oficina de Criação Literária Alcy Cheuiche.



A importância dos estudos árabes na atualidade

Jordana de Souza Gonçalves

Paulo Vinicus Marques da Silva

Thaís Oliveira

Esse artigo visa levar os leitores e leitoras a uma reflexão acerca da importância dos estudos árabes na atualidade. Em um primeiro momento, será feita uma breve retrospectiva da presença e influência árabe no Brasil para, em seguida, mostrar o resgate da língua árabe como língua de herança ou uma língua estrangeira a ser aprendida por questões de afinidade cultural ou estudos geopolíticos e históricos. Por fim, será argumentado como os estudos árabes são relevantes e como isso se reflete no ambiente acadêmico, uma vez que estes estudos científicos também atingem a comunidade em volta da universidade através do curso de extensão sobre a língua e a cultura árabe – CLAC (Curso de Línguas Abertas à Comunidade).

O Brasil é um país multifacetado, cheio de cores, sabores, etnias e de línguas. Do norte ao sul pode se perceber a presença dos árabes e suas contribuições à cultura brasileira. Há registros da presença árabe no Brasil desde o período do Império. No entanto, o fluxo mais intenso de sua chegada foi no final do século XIX e século XX, em sua grande maioria advindos da Síria e do Líbano, desembarcando no país através do Porto de Santos, em São Paulo. Os motivos que os levaram a imigrar, segundo o professor Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto (ANO), foram principalmente a crise econômica que se estabeleceu na região, a Primeira Guerra Mundial e as ocupações imperialistas (BARBOUR, 2010). A grande atuação dos imigrantes árabes aconteceu no ramo do comércio (mascates), com a venda de produtos como tecidos e armarinhos.



Mesmo sem saber a língua oficial local, conseguiram se estabelecer e crescer no Brasil. Desde então, o deslocamento dos árabes continuou de forma expressiva e hoje, por exemplo, o Brasil é a maior comunidade libanesa fora do Líbano.

Segundo a Pesquisa Nacional Exclusiva sobre Árabes no Brasil, feita em 2002, 6% da população se apresenta como árabe ou descendente de imigrantes advindos de diversos países árabes do Levante, Golfo e norte da África. No século XXI tem havido, ainda, um novo fenômeno que intensificou a vinda dos árabes para o Brasil: a crise dos refugiados. A chegada dessas pessoas em situação de refúgio, advindos principalmente da Síria em decorrência da Guerra Civil, também agregou culturalmente e economicamente, apesar de todo o contexto de violência e guerra vividos por eles.

Outra contribuição dessa imigração é a diversificação das atividades comerciais internas. Além disso, a presença de imigrantes e refugiados no país incitou a criação

de políticas públicas para viabilizar o acesso aos serviços públicos e oportunidades de trabalho a essas pessoas, bem como fomentou o surgimento de organizações privadas que as acolhessem, como a Cáritas. Com isso, cresceu a demanda por profissionais capacitados, com conhecimento da língua e da cultura, para auxiliar no processo de recepção e adaptação desse público. É precisamente em função deste processo que se faz relevante os Estudos Árabes, especialmente da língua.

Pelo exposto, foi possível refletir que os Estudos Árabes se tornaram relevantes e importantes na atualidade, especialmente o estudo sobre a língua. Afinal, saber a língua e a cultura árabe no contexto de globalização e de diversidade que se vive hoje é compreender na totalidade o que Nelson Mandela mencionou certa vez: “se você falar com um homem numa linguagem que ele compreende, isso entra na cabeça dele. Se você falar com ele em sua própria linguagem, você atinge seu coração”.

Existem duas formas de se “atingir o coração”: a língua de herança e a aquisição da língua árabe como língua estrangeira. A língua de herança é uma forma de revisitar as raízes familiares do falante e a esperança de eternizar laços consanguíneos de geração em geração que entram em ascensão, ou seja, segundo Boruchowski & Lico (2016), a língua de herança é aquela que os descendentes próximos de imigrantes adquirem e utilizam com suas famílias. Esses descendentes crescem com um acesso natural à língua e cultura de seus antepassados enquanto também adquirem a cultura e língua do novo país.

Os imigrantes árabes que vieram ao Brasil buscam, então, resgatar suas origens através do árabe como língua de herança, criando uma ponte entre o passado e o presente. Muitos descendentes buscam, desta maneira, estudar a língua árabe proveniente de sua família. Contudo, o aprendizado desse idioma em cursos regulares de ensino de língua estrangeira pode trazer estranhamentos, já que a língua aprendida é diferente da utilizada no seu ambiente doméstico.

Além disso, no campo acadêmico, a divulgação da língua, literatura e cultura árabe no Brasil é realizada principalmente por duas universidades públicas brasileiras, a saber: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Universidade de São Paulo (USP). Estas possuem um setor exclusivamente para os Estudos Árabes, ofertando, dessa maneira, o curso de Letras com habilitação em: Árabe.

O ensino e a pesquisa da língua árabe nessas universidades são oferecidos em diferentes níveis do conhecimento: Graduação (UFRJ, USP), Especialização (UFRJ), Mestrado (USP) e Doutorado (USP). Essas vagas são preenchidas por pessoas interessadas em questões político-sociais, literárias e linguísticas (CAFFARO, 2020) que envolvem o mundo árabe. Por isso, é possível afirmar que o comprometimento por essas questões, torna o aprendizado da língua árabe, desde a alfabetização até conteúdos mais complexos, mais empenhado.



Nas últimas edições da Semana de Integração Acadêmica da UFRJ (SIAC), os alunos do Setor de Estudos Árabes apresentaram diversas pesquisas com perspectivas linguísticas, literárias e político-sociais. Além de colaborar para ampliar a bibliografia da faculdade em geral sobre o assunto, reitera o compromisso desses alunos com o Setor, trazendo novas reflexões sobre a língua e a sociedade árabe.

Há um Curso de Extensão na UFRJ, que promove a língua árabe a partir da alfabetização: Árabe Instrumental I e II. Segundo os professores do Setor de Árabe da UFRJ, o curso teve início devido a uma demanda de pesquisadores, no geral historiadores, que careciam de instrumentos básicos do idioma árabe para poderem desenvolver pesquisas. Nos dias atuais, o curso continua funcionando, em dois níveis e o público-alvo são aqueles interessados na cultura e/ou na língua.

Diferente do Curso de Árabe Instrumental, em que o foco é a compreensão de específicas fontes de pesquisa em que o árabe é a língua original, o curso de Árabe oferecido pelo projeto Cursos de Línguas Abertas à Comunidade (CLAC/UFRJ), é uma difusão da língua e cultura do mundo árabe. Há duas variedades ensinadas no curso: Árabe Padrão (Árabe I ao Árabe IV) e Árabe Dialeto (Árabe Conversação I e II).

Nas turmas de árabe desse projeto, os alunos da Graduação de Letras: Português-Árabe (UFRJ), sob orientação de um docente do Setor, têm a oportunidade de vivenciar o ensino de árabe para falantes de português. Além disso, participam de atividades anuais, como, o Fórum CLAC, que tem o objetivo de expor experiências ou pesquisas com o ensino da língua, e a Feira Cultural, com o propósito de mostrar costumes de certa região com um tema pré-escolhido. Geralmente, o perfil dos alunos do curso de árabe

[...] varia de descendentes de árabes, religiosos do Islã, amantes da cultura a profissionais das áreas de Direito, Antropologia, Relações Internacionais e outras carreiras modernas que veem nesse idioma uma instrumentalização para sua atualização (SILVA & LIMA, 2018, p. 168)

Ou seja, diferente dos descendentes árabes que têm, normalmente, o árabe como uma língua de herança, esses alunos buscam a língua árabe como uma segunda língua, por diferentes razões, como, negócios, turismo, interesses culturais e estudos.

Além disso, no Brasil, existem escolas que promovem o ensino formal da língua árabe como segunda língua para filhos de imigrantes muçulmanos e também brasileiros, a saber, a Escola Islâmica Brasileira, localizada em São Paulo, a Escola Libanesa Brasileira, localizada em Foz do Iguaçu, entre outras (CAFFARO, 2020).

Ressalta-se que houve uma tentativa experimental, entre 2013 a 2015, de implementar a língua árabe nas escolas públicas municipais da capital do Rio, uma parceria entre Qatar Foundation e a Secretaria Municipal do Rio de Janeiro (CAFFARO, 2020). Embora tenha sido uma ótima iniciativa, o projeto não teve continuidade.

Com a mesma perspectiva de levar a língua, literatura e cultura árabe para as escolas, o Setor Árabe da UFRJ abriu recentemente um projeto de extensão em parceria com a Escola Municipal Minas Gerais, localizada na Urca.



Os alunos da Graduação de Letras: Português-Árabe, orientados por docentes do Setor, farão a tradução de literaturas árabes, e posteriormente, alfabetizarão os alunos dessa escola a partir desses textos autênticos.

Dado isso, destaca-se que os Estudos Árabes no Brasil ainda é uma área em crescimento, pois existem muitos campos para pesquisa e estudos, oportunidades de abraços e trocas culturais, visto que a interação linguística entre sociedades distintas e o processo multicultural ao qual somos expostos, certamente nos obriga a valorizar os campos de estudos que envolvem diferentes culturas e línguas. É com anseio que seja possível, a partir da cooperação dos países árabes com as Universidades e o Governo Brasileiro, poder realizar obras que possam contribuir para o crescimento dos Estudos Árabes na atualidade.

**Jordana de Souza Gonçalves/
Paulo Vinicius Marques da Silva/
Thaís Oliveira**

**Graduandos em Licenciatura em Letras:
Português-Árabe.- UFRJ**

Referências bibliográficas

BARBOUR, Ana Maria. Comunidade de descendentes de árabes no Rio de Janeiro tem identidade múltipla, diz autor. Instituto da Cultura árabe. 2010. Disponível em: <<https://icarabe.org/entrevistas/comunidade-de-descendentes-de-arabes-no-rio-de-janeiro-tem>>.

Acesso em: 8 set. 2023.

BORUCHOWSKI, Ivian Destro (Org.). Como manter e desenvolver o português como língua de herança: sugestões para quem mora fora do Brasil. Governo Brasileiro. Disponível em:

<https://www.gov.br/mre/pt-br/consuladotoquio/toquio-arquivos/como_manter_e_desenvolver_o_portugues.pdf>. Acesso em: 9 set. 2023.

CAFFARO, P.C. Um panorama sobre língua Árabe no Brasil e seu percurso até a sala de aula. Revista Iniciação & Formação Docente, Uberaba, MG, v. 7, n. 4, p. XXX-XXX, 2020.

CAFFARO, P.C. Um panorama sobre língua Árabe no Brasil e seu percurso até a sala de aula. Revista Iniciação & Formação Docente, Uberaba, MG, v. 7, n. 4, p. XXX-XXX, 2020.

Disponível em:

<<https://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/revistagepadle/article/view/4944>>. Acesso em: 7 set. 2023.

COMUNIDADE libanesa no Brasil é maior que população do Líbano. Senado Notícias. 2010.

Disponível em:

<<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2010/04/22/comunidade-libanesa-no-brasil-e-maior-que-populacao-do-libano>>. Acesso em: 9 set. 2023

DANIEL, Isaura. Um mundo árabe dentro da USP. Câmara de Comércio Árabe Brasileira. 2018.

Disponível em: <<https://anba.com.br/um-mundo-arabe-dentro-da-usp>>. Acesso em: 7 set. 2023.

ISKANDAR, Jamil Ibrahim. A imigração árabe no Paraná. Saben. Disponível em:

<<https://www.saben.org.br/memoria-arabe>>.

Acesso em: 8 set. 2023

SANTOS, Aurea. Qatar Foundation ensina árabe nas escolas. Câmara de Comércio Árabe Brasileira. 2013.

Disponível em: <<https://anba.com.br/qatar-foundation-ensina-arabe-em-escolas-cariocas>>.

Acesso em: 7 set. 2023.

SILVA, Bianca Graziela Souza Gomes da & LIMA, Suely Ferreira. O perfil do Clac-Árabe. In: TILIO, Rogério & BEATO-CANATO, Ana Paula (Orgs).

Formação inicial de professores de língua: experiências em um projeto de extensão universitária. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

SOUSA, Thaís. Comunidade árabe é 6% da população brasileira, diz pesquisa. Agência Nacional de Notícias Brasil-Árabe (ANBA). 2020. Disponível em:

<<https://anba.com.br/comunidade-arabe-e-6-da-populacao-brasileira-diz-pesquisa>>. Acesso em: 9 set. 2023.

VARGENS, João Baptista M. Estudos Árabes da UFRJ: Jubileu de Ouro. Instituto da Cultura Árabe. 2019.

Disponível em:

<<https://icarabe.org/index.php/node/3589>>. Acesso em: 7 set. 2023.

WENTZER, Mariana. Como países como o Brasil podem se beneficiar da vinda de refugiados. BBC News Brasil. 2018. Disponível em:

<<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-45330780>>. Acesso em: 9. set. 2023



Da feijoada árabe à feijoada brasileira

ROBERTO KHATLAB

A feijoada à brasileira é uma das expressões da identidade, memória, cultura e gastronomia no caldeirão da formação miscigenada do povo brasileiro. A comida é degustada entre todas as camadas sociais e um dos ícones da culinária do País. Por outro lado, no Oriente árabe existe também o prato mais que milenar de *ful* ou de *façulia*, fava ou feijão, chamada de *yakhné*, um guisado, um tipo de feijoada árabe, também degustada entre todas as camadas sociais. O conceito das duas feijoadas é o mesmo, reunir ao redor de um prato vários amigos para confraternizar.

No Brasil, é relatado de uma geração para a outra que a feijoada foi criada nas senzalas, por escravos africanos, que cozinhavam o feijão preto com partes de carnes de porco desprezadas pela elite. Criou-se uma forma de folclore, com linhas socioculturais afro-brasileiras, para camuflar o período escravocrata em que os escravos eram mal alimentados.

O guisado no Oriente

Já o Oriente é o berço da civilização e da arte da culinária e é importante entendermos a criação da feijoada local neste contexto.

Um dicionário bilíngue sumério-acadiano, de escritura cuneiforme, datado de cerca de 1.800 anos antes de Cristo, foi encontrado com várias receitas, incluindo guisados de carne e leguminosas, como a fava – *al-ful*, em árabe, cozidos em um caldeirão de barro em cocção lenta. A Bíblia (*Segundo Livro de Samuel 17:28*), cita, em uma referência de 6 mil anos antes de Cristo, o guisado como um alimento energético. O guisado em referência é o árabe, *marqat* ou *yakhné*, com carne de cordeiro – *kharuf*, em árabe – *awassi*, uma raça originária do deserto sírio-árabe, de cauda bem gorda.

Um dos primeiros manuscritos árabes, do século VIII, veio de Bagdá, Iraque, e trata-se de *Kitâb al-Tabîkh al-Mahdî* – Livro da cozinha *al-Mahdi* – e outro do século X é *Kitâb al-Tabîkh Al-Warrâq* – Livro da cozinha *al-Warrâq*.



São os manuscritos mais antigos da cozinha árabe. Com as caravanas de beduínos, as receitas chegaram a outras partes da Península Arábica, região austera, e no Mediterrâneo.

Expansão do guisado árabe

No século VIII, os muçulmanos árabes conquistaram a Península Ibérica e introduziram culturas, costumes e produtos como a fava branca e o arroz. Pelas mãos das mulheres árabes chegaram na Europa várias receitas árabes, como o guisado de favas com pedaços de cordeiro. Surgiram, então, na Europa, os guisados com favas, que são feitos com feijão até hoje. Exemplos são o *cozido*, em Portugal; a *fabada*, na Espanha; o *cassoulet*, na França; e a *cazzuola*, na Itália. E os europeus substituíram a carne de cordeiro pela carne suína, não consumida pelos árabes muçulmanos, para os quais a carne de porco é proibida por Deus.

No século XV, Cristóvão Colombo chegou às Américas e encontrou uma leguminosa nativa da região, o feijão, que foi levado para a Europa, destronando assim a fava e passando o prato a ser guisado de feijão com carnes.

A chegada ao Brasil

No século XVI, a receita de guisado atravessou o Oceano Atlântico com os colonizadores portugueses e chegou ao Brasil, e dessa vez pelas mãos das mulheres portuguesas como guisado de feijão branco com carne de porco.

Os portugueses observaram a forma alimentar dos indígenas e descobriram um outro tipo de feijão no Brasil, o feijão preto, de origem sul-americana. Os indígenas cozinhavam o feijão preto e depois o amassavam em um pilão de madeira, com pimenta e ervas, adicionavam água e engrossavam o caldo com farinha de mandioca, formando um purê ou pirão de feijão. Também os portugueses observaram os africanos no Brasil, que comiam o pirão indígena, mas acrescentavam o azeite de dendê, originário da África, e outras especiarias africanas.

Com isso, os portugueses recriaram seu guisado de feijão preto, incrementaram com a farinha de mandioca e as especiarias indígenas e africanas. Introduziram o arroz no Brasil, trazidos pelos árabes, como *arroz*, que passou a ser pronunciado em português “arroz”. No Brasil, antes de chegarem os portugueses, existia um cereal, tipo arroz, nativo que os indígenas tupi chamavam de *abati-uaupé*, literalmente milho com casca ou milho d’água.

Assim, o guisado chegou em uma encruzilhada de miscigenação, influência étnico-cultural árabo-luso-brasilíndio-afro, e nasceu então mais uma das várias versões da receita do guisado, o de feijão preto no Brasil.

A feijoada à brasileira

O guisado que saiu do Oriente, passou pela Europa, chegou no Brasil, adaptou-se ao feijão preto, sul-americano, e passou a ser um guisado de feijão preto engrossado com carnes de porco,

com adição de farofa de mandioca. Com criatividade brasileira, passou a ser chamado de porção de feijão bem misturada e depois então de feijoada, ganhando o “ada” de “misturada”.

Esse banquete da feijoada à brasileira começou a ser apreciado pela elite do Nordeste e divulgado a partir do século XIX, conforme a edição de 03 de março de 1827 do Jornal Diário de Pernambuco, em um dos primeiros anúncios de feijoada à brasileira: *[Restaurante] Locanda da Águia D’Ouro – as Quinta-feiras excelente feijoada a Brasileira*. No Rio de Janeiro, um dos primeiros anúncios foi no Jornal de Commercio, na edição de 05 de janeiro de 1849, com o título: *A bela feijoada à brasileira*.

O guisado árabe no Brasil e a feijoada com cordeiro no mundo árabe

Por outra via, a da imigração árabe para o Brasil, que ocorreu desde o século XVIII, o guisado original árabe de feijão branco, com carne de cordeiro e arroz, também chegou ao Brasil pelas mãos das mulheres imigrantes árabes, e hoje é comum encontrar no Brasil esse guisado de feijão com carne de cordeiro, o *Yakhné façulia bil-lahmeh kharuf*.

No mundo árabe, especialmente no Líbano, a comunidade *brasilibanesa* (neologismo que criei para cidadão binacional brasileiro-libanês), também pelas mãos das mulheres *brasilibanesas*, criou uma nova variante, a feijoada à *brasilibanesa*, com feijão preto, hoje plantado no Líbano, com carne de cordeiro, linguiça de carne de carneiro e carne bovina e farofa de semolina (não há ainda plantação de mandioca no Líbano), frita com ovos, amêndoas e sal.

A feijoada tornou-se um prato híbrido, uma miscigenação oriental, europeia, amiríndia e africana. Cada pessoa faz a feijoada ao seu estilo, como versou Vinicius de Moraes: *Feijoada à Minha Moda*.

Prof. Roberto Khatlab

É pesquisador e escritor, diretor do Centro de Estudos e Culturas da América Latina na Universidade Saint-Esprit de Kaslik (Usek), é sócio correspondente da Academia Líbano-Brasileira de Letras, Artes, e Ciências para o Líbano.



Ensaio Fotográfico

ALEX SALIM





Ensaio Fotográfico

ALEX SALIM

Mineiro, de Lavras e radicado na cidade do Rio de Janeiro desde 2011, após 27 anos em São Paulo, Alex Salim ficou empolgado pela fotografia aos quinze anos, quando ganhou sua primeira câmera fotográfica.

Graduado em Engenharia de Agrimensura, passou também pela Engenharia Agrícola e Geologia. Salim abandonou esta profissão e passou a dedicar-se exclusivamente à fotografia nos anos 80.

Foto: Simpósio de Escultura, Rachana, Monte Libano, Libano - Michel Basbous, Antoine Basbous, Anachar Basbous



Ensaio Fotográfico

ALEX SALIM

Fascinado pela arte e arquitetura barroca e rococó, ele passou a fotografar cidades coloniais brasileiras. Salim possui um dos mais importantes arquivos fotográficos das cidades coloniais mineiras e atualmente dedica-se às cidades coloniais brasileiras com registros de monumentos e sítios históricos do Sudeste, Nordeste e Sul do país. Cada vez mais envolvido neste assunto, passou a pesquisar e a direcionar seu trabalho para uma linha arquitetônica e artística mais objetiva, sempre buscando orientação de professores e pesquisadores especializados.

Foto: Museu da Seda, Bsous, Monte Líbano.



Ensaio Fotográfico

ALEX SALIM

Alex Salim, ao lado disso, iniciou um projeto para divulgar aspectos da cultura negra pouco conhecidos nos grandes centros do Sudeste, visando preservar a identidade cultural étnica.

Assim, a festa do Congado dos Negros de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito é um tema que ele também acompanha e registra há mais de quinze anos.

Foto: Broummana, Monte Líbano.



Ensaio Fotográfico

ALEX SALIM

Desde sua infância em Campo Belo e em Divinópolis, ambas em Minas Gerais, Salim admirava o colorido das fitas, o batido das varas de Vilão e das caixas de couro e madeira, principalmente do Moçambique.

Com o aumento de pedidos de ilustrações por parte de editoras didáticas, ele montou um banco de imagens distribuídos em vários temas, com maior enfoque para cidades Brasileiras, com destaque nas Coloniais Mineiras que vão desde a arquitetura de centros urbanos e cidades coloniais, registros da cultura popular, de fauna e flora, assim como cenas do cotidiano e da população brasileira. Esse banco totaliza mais de 60.000 imagens, em slides (cromos).

**Foto: Feira Internacional Rachid Karami, Trípoli,
– Arquiteto Oscar Niemeyer**



Ensaio Fotográfico

ALEX SALIM

Além de negativos cor e preto e branco, produzidos em formatos 35mm, 6x7 e 4 x 5, Alex também conta com fração significativa de imagens de muitas cidades da América do Sul, da Europa, Líbano, Turquia, Grécia e África do Sul. Imagens suas já foram expostas em museus e centros culturais do Brasil, Dinamarca, Itália e Inglaterra.

Além disso tem diversas de publicações em veículos nacionais e internacionais, como a time -usa e a panorama - panamá. publicações de nove livros de arte.

Foto: Hallab & Sons, Trípoli, Norte Líbano.



Ensaio Fotográfico

ALEX SALIM

Em 2003, Salim conheceu o Líbano e até 2019 realizou cinco viagens ao país de seus avós. Lá, suas imagens buscaram registrar a arquitetura restaurada e a cultura milenar de origem fenícia, além de paisagens, monumentos civis, religiosos, culinária e obras de artes.

Foto: Casa onde morou o pintor e poeta libanês Gibrán Khalil Gibrán, Bsharri, Norte Líbano, 1883-1931



Ensaio Fotográfico

ALEX SALIM

Durante o ano de 2005, Alex fotografou o Barroco e Rococó em várias cidades da Alemanha, Portugal, Itália, França e também Bélgica, Holanda, Suécia, Luxemburgo e Suíça.

Seu trabalho tem sido requisitado por agências de propaganda e editoras didáticas. Também decoração, arquitetura e design, cidades, meio ambiente, artes, indústria, foto aérea entre outros.

Foto: Feira Internacional Rachid Karami, Tripoli Líbano – Arquiteto Oscar Niemeyer



Ensaio Fotográfico

ALEX SALIM

Foto: Pintura, Afresco, Abdução de Proserpina,
Tumbas de Tyro, Museu Nacional de Beirute.

Ensaio Fotográfico

ALEX SALIM

Alex Salim atende a várias empresas dos setores públicos e privados, produzindo imagens nas áreas institucional e editorial.

Foto: Arquitetura Libanesa, Monte Líbano.





Ensaio Fotográfico

ALEX SALIM

Museu Nacional de Beirute

Foto: Múmias Antropoides, Museu Nacional de Beirute.

Ensaio Fotográfico

ALEX SALIM

Foto: Enfeite em Carro de Casamento, Igreja de
Santa Rafqa, Zouk Mikael, Monte Líbano.





Ensaio Fotográfico

ALEX SALIM

Foto: Museu da Seda, Bsous, Monte Líbano.



Ensaio Fotográfico

ALEX SALIM

alexsalim@uol.com.br

Foto: Monastério Ortodoxo de Hamatoura,
Kousba, Norte do Líbano.

Dos segredos da culinária libanesa

* Da Redação

“A culinária é uma das maiores expressões do comportamento humano, do saber humano, da criatividade humana, muito do saber humano está naquilo que você come”. (Gilberto Freyre)

Os libaneses sempre se orgulharam de sua culinária, afinal são receitas ímpares passadas de uma geração a outra. Após ser inserida pelos imigrantes no exterior, a culinária do Líbano começou a se expandir, espalhando-se em restaurantes que se adaptaram ao mercado local, atraindo pessoas que procuram saborear deliciosas receitas com temperos únicos.

Porém, apesar de o Líbano adotar a cozinha de fusão, há alguns motivos pelos quais a comida libanesa se tornou tão renomada, além das aulas de culinárias on-line e dos vídeos de pratos superlotando as redes sociais: um alimento, um tempero e duas realidades.

1. **Azeite** - é um alimento que é amplamente usado nas refeições do Líbano. Para os libaneses, ele é tão saudável que deixa uma cozinha mais saudável ainda, e as pessoas podem comer sem se sentirem culpadas. É uma espécie de craque do meio campo!

2. **Zaatar** - Este tempero é o segredo que faz da comida libanesa ser tão atraente. Trata-se de uma coleção de diferentes ervas, incluindo orégano, tomilho e manjerona. Misturadas, elas se tornam um componente essencial, além de ter um gosto que dificilmente se consegue em outras cozinhas. E embora os molhos possam ter um sabor incrível, a culinária libanesa não depende tanto deles, uma vez que a mistura dos alimentos com as especiarias dão conta. É o chamado centro-avante rompedor.



3. Produtos Frescos – a popularidade da culinária libanesa reside essencialmente neste item. A procura por alimentos saudáveis e o consumo de produtos frescos ganharam tanta força, como se a cozinha do Líbano fosse um jogador imprescindível na zaga de um time.

4. Excelência do Sabor – É o componente catalisador das refeições. O sabor da comida libanesa se caracteriza como uma nova experiência para os que nunca experimentaram e uma memória afetiva para os que conhecem. Quando se trata de pratos libaneses, o sabor se apresenta em sua plenitude, afinal, a variedade de ervas e diferentes especiarias estão na sua essência.

AS NOVE ERVAS E UM MOLHO.

No Líbano, não é preciso estar diante de um forno para adivinhar qual a comida que está sendo preparada. As moléculas de odor se desprendem e se espalham pelo ar, penetram nas narinas e

alcançam as células na parte mais interna do nariz, desfechando mensagens químicas: essa é, mais ou menos, a definição técnica do cheiro.

É justamente nos aromas que o sentimento de lembrança da terra acaba atingindo em cheio os libaneses. O resto são receitas milenares e a fusão dos alimentos.

Tirando o zaatar, parte dos segredos da culinária libanesa repousa nas oito principais ervas aromáticas e um molho: manjericão (ou manjerona), coentro, salsa, orégano, hortelã, açafraão, cardamomo, sumagre, melão de romã e gergelim, conhecidos como “As 9 ervas e um molho”.

Manjericão (ou manjerona), coentro, salsa, açafraão e hortelã são bem conhecidos na culinária brasileira. Porém, o cardamomo, o sumagre, o melão de romã e o gergelim formam o diferencial trio de ataque no jogo da gastronomia.

- 1. Cardamomo:** as sementes de cardamomo (hel, em árabe هال) exercem uma fascinação no palato do povo, uma vez que elas têm aroma e sabor únicos, “doce-picante” e ligeiramente aromatizadas. Estão associados aos hábitos e costumes locais, desde o seu uso em alguns pratos da gastronomia local, na remoção do ranço de alimentos, até na mistura com grãos de café batidos no pilão chamado de “Al-Mahbesh” (em árabe, المهباش);
- 2. Sumagre** سماق (sumac): é uma das plantas mais cheirosas e de sabor forte e surpreendente, com vários níveis de paladares. É sustentáculo do popular e célebre “Zaatar”, e é considerado um dos mais importantes temperos da culinária do Líbano, geralmente usado como condimento, substituto de outros conteúdos ácidos;
- 3. Melão de Romã** (Debs Arremman): O melão da fruta romã nunca está ausente das casas libanesas. Ele substitui muitas vezes o vinagre e o limão, e tem um sabor característico usado em muitos pratos da cozinha libanesa, como nas saladas, no “Fatuhe” e nas folhas de uva, uma vez que tem um sabor misturado de doce e amargo.



4. **Gergelim:** também conhecido como sésamo, é uma semente proveniente de uma planta cujo nome científico é *Sesamum indicum*, caracterizada pelo seu grande valor nutricional, sendo ricas em proteínas, ácidos graxos insaturados, cálcio, magnésio, vitamina E e fibras. É usado muito na culinária, usado como pasta, passando a se chamar Tahine, famoso na composição do Homus.

Em tempo: há outras ervas aromáticas como o endro, alecrim etc., que estão sempre a postos para entrar no jogo da gastronomia e são, também, craques.

GRÃOS: OS RESERVAS QUE GARANTEM O RESULTADO.

A história cultural única ajudou a tornar a comida libanesa a mais popular entre as cozinhas do Oriente Médio, pois combina pratos principais e acompanhamentos (aperitivos), bem como sobremesas.

E se normalmente a gastronomia libanesa começa com a famigerada “mezze” (mais de 30 pratos de aperitivos), as principais refeições são baseadas em carnes, iogurte, frango e peixe.

Porém, como num jogo de basquete, enquanto os principais atletas da equipe garantem o resultado, sempre são escorados por um sexteto, ou os reservas de ouro - aqueles que entram para compor e manter a qualidade do resultado: os grãos!

Composto pelo trigoilhó, trigo, lentilha, feijão, arroz e grão de bico, esse sexteto geralmente ocupa posições específicas, relacionadas às características dos pratos.

O trigoilhó é o “armador”, ágil e que controla a progressão, ingrediente básico para o quibe, o tabule e outros pratos da culinária libanesa.

Já o trigo seria o “ala-armador”, bom arremessador de médias, a sua espécie chamada “Salamouni” cultivada especialmente nas

regiões de Aarsal, Nabha e Ham, no Bekaa, serve de matéria-prima para alimentos básicos, como o pão, “freekeh”, “kichek”.

O feijão e a lentilha são as “alas”, atuam mais próximos à cesta e são considerados jogadores completos, pois conseguem jogar no garrafão. A Mujadara (arroz com lentilha) é um prato popular conhecido como “a carne dos pobres”, e o feijão compõe também o prato “Makhlouta”, um dos mais antigos e tradicionais ensopados do Líbano.

Não podemos esquecer do internacional arroz, o “ala-pivô” que joga na cabeça do garrafão, de costas para a cesta, tem bom arremesso de média distância e que acompanha muitos pratos. Por fim, aparece o grão de bico jogando como “pivô” que é geralmente o jogador mais alto e forte do time, joga tanto no ataque, arremessando a curtas distâncias, quanto na defesa, efetuando rebotes e tocos. Os seus derivados, Homus Bi Tahine e outros semelhantes que o digam.

ALHO: A PERSONALIDADE DA GASTRONOMIA DO LÍBANO.

Um dos maiores mistérios da culinária libanesa gira em torno do alho (toum em árabe, (ثوم)).



o tal de “nafass” نفس (espírito da culinária) traz com ele um sabor especial, um preparo altivo e uma pitada de sorte.

Sim, ele é como se fosse um nadador de competição de equipe de revezamento medley 4x100m: faz parte do conjunto, abre a prova, dita o ritmo e, quando o time ganha, infelizmente o seu mérito é ofuscado pelos nadadores estrelas.

Temido pelo seu cheiro, o alho derrubou mitos, popularizou-se e passou de elemento - quase que presente em todas as receitas da culinária libanesa-, para se transformar em estrela “molho de alho” de vários pratos, em especial os “mechuis” e o “Chich Tawuk”(frango).

Esse molho é tão característico no Líbano que nunca passa despercebido. Com uma textura branca e cremosa semelhante à da maionese, creme de leite ou “Labneh” (coalhada seca), o molho “toum” possui um aroma pungente de alho e água na boca, mas a exalação tem muito de um paladar tão peculiar, que a gente se esquece que há alho, mas sim um halo, uma glória e um resplendor à comida.

O processo de fazer este molho de alho é delicado, e a razão é provavelmente devido ao chamado método de “emulsão”, que permite a mistura de líquidos (água) e óleos, transformando-se num “creme”, com a ajuda de uma força mecânica externa, agitando, mexendo, girando ou mesmo usando ondas ultrassônicas. É essa “emulsão” que está no centro da produção do molho de alho.

Tradicionalmente, o molho “toum” era feito com pilão, onde as mãos libanesas adicionavam primeiramente os dentes de alho recém-descascados e, logo depois, o sal, martelando-os até ficarem completamente esmagados. Depois, adicionavam um pouco de azeite e batiam mais um minuto. E assim, repetiam essa etapa até adicionar o azeite e acrescentar, em seguida, algumas gotas de suco de limão por toda parte. É aí que está o segredo! O limão dá a liga do paladar. O resto é puro palato.

“EL AKEL, NAFASS”, O ESPÍRITO DA CULINÁRIA.

No Líbano e na região do Oriente Médio usa-se muito a expressão: “el akel nafass” الاكل نفس (comida é coisa espiritual– trad livre), e quem tem o tal de “nafass” نفس (espírito da culinária) traz com ele um sabor especial, um preparo altivo e uma pitada de sorte.

A bem verdade é que, nesses tempos de segurança alimentar, agro-negócio, restaurantes, exposição de alimentos, programas de gastronomia na TV, eventos e festivais de culinária, receitas nas redes sociais e cursos de gastronomia, ser Chef acabou sendo mais do que uma profissão, tornou-se um emprego que gera muito dinheiro e a sua indústria simplesmente é muito rentável.

Voltando à culinária libanesa, ela pode oferecer mais do que apenas uma deliciosa gastronomia: ela explora origens e histórias, refletindo a extensão do intercâmbio cultural que ocorreu entre as várias civilizações e povos que passaram pelos países árabes desde os primórdios da história.

O Líbano sempre forjou uma herança e identidade na sua culinária e é um lugar onde, independentemente da religião ou herança étnica, as pessoas se unem em torno da experiência e do prazer da comida.

Afinal qual é o segredo da culinária libanesa perfeita? Onde se esconde o tal de “nafass el akel” نفس الاكل (espírito da culinária)?

Vasculhamos a casa da avó libanesa à procura de algum livro de receitas. Quais eram os mistérios dessa comida? Seriam os temperos, o azeite de oliva, os vegetais? Ou eram os aromas, as especiarias e os sais? Seriam as lentilhas, o trigo, o gergelim e a romã? Ou eram a noz-moscada, o cominho, o coentro, a salsa e a hortelã?

E de repente, encontramos uma rosa velha guardada no fundo de um baú.

A avó morreu deixando o mistério num pedaço de papel no caule dessa rosa: "O segredo da culinária é o cozinheiro ser uma pessoa paciente e generosa".



Entrevista: Pedro Simon

“O Libanês tem grandeza, ele tem ideal.”

**Da Redação*

* Como definiria a tua trajetória?

- Olha, vou ser sincero, meu bravo companheiro. Eu posso dizer para ti: eu tenho 93 anos, eu fui presidente do Senado, da Cadeira da Faculdade de Direito, presidente do grêmio estudantil do Colégio Rosário, vereador de Caxias do Sul, quatro vezes deputado estadual e líder do MDB e do PTB, 32 vezes senador, governador do Estado. Uma eleição me roubaram escandalosamente e a outra eu ganhei. Fui ministro da agricultura.

Quando nós derrubamos a ditadura, elegemos o Tancredo... Ele não podia fazer o que fez com a gente, não podia ter morrido, ainda morreu e deixou o Sarney de presidente. E foi uma das coisas que eu me orgulho muito, fui líder do governo de Itamar Franco. Na minha opinião, um dos maiores brasileiros que nós tivemos. Pela obra que ele fez, pelas realizações que ele fez. Vi de tudo.

Olha, quando veio o AI-5, fecharam a câmara, fecharam o Senado. Fecharam todas as Assembleias Legislativas, a imprensa virou um caderninho de recado, foi a coisa mais bárbara que teve. E, no entanto, nós lutamos, lutamos, resistimos. E o meu ex-MDB, quando ninguém imaginava que podia acontecer, aconteceu. Todas as Assembleias fechadas e o Congresso fechado.

A imprensa sob censura total. Total. E nós do MDB do Rio de Janeiro, o presidente da Assembleia, deputado Valdir Lopes, do MDB, elaborou para nós um dossiê da vida da Assembleia Legislativa. Toda a vida da Assembleia Legislativa.

Olha, é um orgulho que eu tenho. Dignidade, seriedade, correção, uma coisa espetacular. Levou para o presidente Costa e Silva, que era primo dele, da mesma cidade dele, Lajeado. Entregou e disse, olha, primo, essa aqui eu não sei, eu estou te entregando para ti, ninguém sabe que eu vim entregar para ti. Agora, eu gostaria que tu olhasse. Costa e Silva chama o Golberi, que era o homem do SNI e chefe da Casa Civil. O Golberi olhou, falou, fez SNI, investigou aqui, investigou lá e voltou para... E aí? Presidente, é impressionante, mas é a Assembleia Legislativa, é séria, não vejo uma vírgula de coisas erradas. Então, o que eu faço? Você pode fazer o que quiser, meu filho. Se o senhor quiser fechar que nem as outras, fecha e não diz uma palavra, não tem que fechar. E se o senhor quiser mostrar exemplo, abre e diz o porquê abriu. E o Costa e Silva, que era gaúcho, deixou aberto. A Assembleia aberta.

Imagina você, Senado fechado, câmara fechada, tudo fechado, ninguém podia abrir a boca, imprensa fechada. E aí um grupo, nós nos reunimos. E resolvemos fazer um bom projeto. Eu criei um movimento onde chamei praticamente todos os partidos e fizemos uma caminhada. Uma caminhada de contra - revolução. Reuni em Porto Alegre, no Plenário da Assembleia, todas as lideranças de oposição no Brasil. O Brizola, o Lula, o Arraes, o Covas, todos estavam ali. Aí nós decidimos. Primeiro, nós não vamos topa a luta armada. Não é que nós tivéssemos medo. É que nós não tínhamos chance de ganhar. Eles tinham tudo, o exército, a marinha, a aeronáutica, os empresários, a Igreja Católica, com Deus, Pátria, Família e o Rosário e nós não poderíamos não ganhar. Mas vamos fazer caminhada. 1. Vamos fazer a caminhada pelas diretas já. 2. Assembleia Nacional Constituinte. 3. Anistia. 4. Liberdade de imprensa. E começamos a trabalhar. E foi crescendo e foi crescendo e foi crescendo. E olha, um milhão de pessoas no Rio de Janeiro, um milhão e duzentas mil pessoas em São Paulo, foi um colégio eleitoral. O que aconteceu?. Fizemos a movimentação, não somos tão queridos quanto era nosso candidato a presidente. E conheci Sarney. Eu sabia que era presidente do Arena, veio para ser o nosso vice e nós ganhamos espetacularmente.



Eu acho que, com toda a sinceridade, foi um momento importante e foi o momento em que o Brasil esteve presente. E foi um momento em que nós realmente, pacificamente, repare você, sem dar um tiro, sem a guerrilha, sem a luta armada, era um motivo para a violência do governo, que a pretexto de alguém se levantar numa cidade do interior e fazer com aquele momento, eles iam lá e arrasavam. Nós tivemos a consciência de que era preciso fazer e fizemos. Por isso é que eu vejo agora as coisas como estão acontecendo hoje e fico me perguntando. Por que isso aconteceu? O Brasil estava normal, a operação Lava Jato estava espetacular. Essa foi uma outra coisa da maior importância. A corrupção está crescendo demais no Brasil.

O Supremo Tribunal terminou, criou uma decisão, que dizia o seguinte, vai para a cadeia quem for condenado em última instância. O que aconteceu? Crimes comuns não tinham nenhum problema, o juiz julgava e ia para a cadeia quem roubava galinhas, roubava isso, agora, crimes políticos, o cara roubava, ou seja, o que for, e era processado. O juiz condenava ou absolvía. De qualquer maneira, ele recorria. Recorria para o Tribunal. Tribunal condenava. Ele recorria para o tribunal de Brasília. Superior Tribunal. Ele corria para o Supremo. E o que aconteceu? Levava tanto tempo... Chegava no tribunal de Brasília, o ministro que recebeu para relatar, botava na gaveta. E não acontecia nada. Resultado, prescrevia e estavam todos soltos. Não teve ninguém nesses 40 anos que foi para a cadeia por ser ladrão. O Supremo tomou uma decisão. Ele fez assim e mudou. Aliás, mudou, terminando. Vai para a cadeia quem é condenado em segunda instância. O réu era condenado pelo juiz. Recorria. Era condenado no segundo tribunal. Recorria. Mas ia para a cadeia. Então, de repente, quem que era trânsito em julgado foi para a cadeia?

O Maluf, o presidente da Câmara, o governador do Rio de Janeiro, uma montanha de gente foi para a cadeia. O presidente de Odebrecht foi para a cadeia e teve que pagar uma indenização de não sei quantos filhos. O Brasil estava avançando... Aprovou-se a lei da Ficha Limpa, que o cidadão tinha que ter Ficha Limpa, nós estávamos no caminho certo. De repente, não é que de repente, tudo voltou atrás. O Supremo voltou atrás, soltou todo mundo... dizendo que não estavam certas as unificações, que o processo não podia ser em Curitiba, tinha que ser em Brasília, que era a capital, anularam. E soltou todos. E hoje está tudo solto.

Você não sabe o que vai fazer? E aquele dinheiro? São não sei quantos milhões que o governo arrecadou das pessoas que roubaram. Tem que devolver ou não tem que devolver? Então o Brasil viveu esse momento em que o governo e o Supremo, infelizmente, e o Congresso Nacional fizeram uma reviravolta.

E hoje, com todo o coração, eu gostaria de ter meus 30 anos para começar tudo de novo, porque eu acho até mais duro esse momento do que antes, porque é uma espécie de, não sei, essa seleção que há entre nós, o presidente que tem um comportamento muito irregular. A gente diz que talvez ele não passasse no exame psicológico, psicotécnico para fazer a carteira de motorista. Era capaz de ele não se estilhar. E o outro, condenado, não foi absolvido, não aconteceu nada, voltou e ganhou a eleição. E domingo aconteceu o que aconteceu. Olha, coitado do nosso país, que nós conseguimos lutar, resistir. Levamos tanto tempo para reconquistar a democracia, mas... mantínhamos a capacidade de ser. Hoje não sabemos o que vai acontecer. Não sabemos para onde nós vamos, como é que nós estamos caminhando. Estamos numa interrogação que eu espero que a justiça seja feita.

Mas espero que não haja um desmando exagerado de lá e de cá. Agora estamos numa interrogação. Para onde vamos e para onde não vamos? As primeiras decisões foram interrogativas. O ministro da Justiça garantiu que está tudo certo. Deu tudo errado. Aí ele deu a culpa para o governador do Rio de Janeiro, o secretário de segurança, que foi o ministro da justiça do Bolsonaro.

* O que nos espera depois da Lava Jato?

- Eu fiquei no Senado 32 anos. Durante muito tempo, nós queríamos criar a CPI dos corruptores. Não deixaram criar. O Lula, presidente da República, não deixou criar. O Sarney, presidente da República, não deixou criar. O Fernando Henrique, presidente da República, não deixou criar. E no Congresso, a maioria não deixou criar. Uma CPI não se conseguia criar. Foi tanto que quando deu o estouro, saiu a operação que você falou, as mãos limpas. Eu fui para a Itália, conversei com os procuradores daquela operação. Os trouxe ao Brasil. E no Brasil, o presidente Fernando Henrique, o que foi durante uns oito anos procurador, não fez uma condenação, não fez uma denúncia. Era o arquivador geral da nação. Mas nós pegamos os procuradores, os auxiliares, aqui, todos revoltados, e condenamos com eles. São Paulo, Rio de Janeiro, e aí conseguimos. Como é que nós conseguimos? O presidente da República, o presidente do Senado.

Baita, companheiro, líder, grande. Nós entramos com o pedido de CPI no Supremo. Entraram com o pedido, a Assembleia não respondeu, o presidente do Senado não respondeu, nós fomos ao Supremo.



E o Supremo, na reunião normal, mandava para o plenário. E o plenário também ia recusar. Mas aí o presidente do Supremo, por conta própria, mandou instalar. Instala-se. Foi um tufão, o que aconteceu, o que não aconteceu, e a comissão foi instalada. E a comissão instalada, as coisas foram acontecendo, foram acontecendo, foram acontecendo, e a operação Lava Jato nota 10.

O grande erro do seu presidente foi que ele boicotou a Lava Jato. Quando ele se elegeu presidente e quando ele escolheu o Moro para ser o juiz encarregado da coisa, ele tinha uma expectativa de grande equilíbrio e as coisas eram certas. De repente, depois, não se sabe por quê, o tribunal mudou. E o presidente mudou. Foi e cortaram tudo, voltaram atrás, tem que ser condenado por unanimidade. E o que é que fizeram? Soltaram todo mundo. Todo mundo está solto. E o que é mais importante, quer dizer, o Lula foi condenado no fórum de Curitiba, foi condenado no Tribunal Superior aqui de Brasília, foi condenado no Tribunal de... Então, Tribunal Superior aqui, depois no Tribunal de Porto Alegre, depois foi condenado no Tribunal de Brasília, e depois foi condenado no Supremo. O relator, o ministro relator, que assim põe o relator que estava cuidando da matéria, de repente, disse que... Olha... Esse processo está correndo aqui, começou em Curitiba. É errado. Está nulo e acabou com tudo.



Acabou com tudo! Então os caras... O Lula não foi absolvido, não foi. Não foi absolvido. Ninguém acabou com tudo. E hoje nós estamos nessa realidade que está aí. Quer dizer, o Tribunal que acabou com tudo, que é um escândalo, na minha opinião, podia então dizer o seguinte, então vamos abrir um prazo para refazer. Não. Acabou com tudo. Essa é a dura realidade que nós fizemos. Dizia as coisas, as bocadilhas, o afogadilho, ele fez e praticamente rompeu com a China. Aí o vice-presidente e o ministro da cultura foram lá refazer. Não deixaram a terceira via aparecer, é Lula ou Bolsonaro e o resto ficou assistindo. E agora estamos aqui, vendo o que o Lula vai fazer... o que a cultura vai fazer e o que o Brasil vai assistir.

O Líbano é país que sempre passou por sofrimentos, o que pensa disso?

- Não tenho nenhuma dúvida, que as lições de heroísmo que o Líbano está apresentando são fantásticas. O Líbano, pela sua tradição, pela sua história, lá nos fenícios, que deram uma demonstração espetacular disso. A pessoa se desenvolveu, avançou, a democracia, a liberdade... O povo, meu pai sempre dizia: nosso país, nós somos inteligentes, nós somos o Congresso... Temos o Executivo e temos o Presidente é um, o Presidente da Câmara é outro e o Primeiro Ministro é outro.

E isso de repente terminou na confusão que deu, na confusão triste que deu. O Líbano era um país pacífico, ordeiro, respeitoso, estava muito bem. Aí acontece uma coisa que não podia ter acontecido. Eu acompanho e sofro muito com o Oriente Médio.

Acho que está certo, quando terminou a Segunda Grande Guerra, reuniram Inglaterra e França, que dominavam ali, no Líbano, na Síria... Se reuniram na ONU e fizeram um entendimento. Só que esse entendimento foi o desaparecimento do Estado da Palestina, que tinha Palestina, mas que eles queriam trazer os judeus para criar o Estado de Israel. Então eles quiseram criar o Estado da Palestina e criar o Estado de Israel. O Estado de Israel, do mundo inteiro, mandou.

Então, eu vi a luta, e naquela luta, qual era o nome do Palestino que ficava no norte do Líbano, ali no sul do Líbano, do lado do Estado de Israel. E nessa luta, então começaram a bombardear os palestinos que estavam no Estado do Líbano, e começou a destruição. Quer dizer, o Líbano entrou, na verdade, pagando um preço que não merecia. E de lá para cá o Líbano vem lutando. A reconstrução do Líbano. Eu estive no Líbano, cheguei no Líbano, fui à revelia. A revelia que eu digo, fui. Eu fui ao Líbano, estava na descida do Aeroporto, estava o embaixador do Brasil lá. Ele foi bravo, eu não podia ter ido, estava em guerra. Eu disse, eu não vou, não irei para a embaixada do Brasil. Aquela noite a embaixada foi bombardeada dizia-me, dizia-me, vocês conhecem a experiência dramática que está ali. Eu senti o Líbano, vi meus parentes, eles são do “Kfur el arab”, lá em cima, perto de Trípoli.

***Senador, se seu pai hoje tivesse vivo, se pudesse voltar hoje, o que ele diria?**

i. - Que valeu a pena. Valeu a pena. Olha, meu querido. O meu pai veio do Líbano, ele e a minha mãe, as minhas duas irmãs, uma com 6 anos e outra com 4 anos.

Aqui no Brasil nasci eu e nasceu uma outra irmã. Meu pai era fantástico, era um poço de sabedoria. Coisas da vida, as lições da vida, ele ensinava de uma maneira que era para durar a vida inteira. Uma vez eu cheguei em casa com brinquedos diferentes. Olha que é isso, meu filho? Eu encontrei... Como encontrou? Não encontrei, era para parar e botar no meu lugar. Tu não comprou, tu não dá no bote. Ele era de uma rigidez. E nós fomos criados assim.

Ele amava demais o Líbano. É interessante ver a saudade e como os libaneses sentem esse amor pelo Líbano e como é interessante essa dualidade. Meu pai era libanês, amava o Líbano, mas amava o Brasil. Amava o Brasil. Quando me elegi deputado pela primeira vez, ele sentia que alguma coisa estava acontecendo. Eu digo com toda sinceridade. Quando teve a guerra, o Líbano não entrou. Depois, na reconstrução, eu fiquei muito amigo do Hariri.

Quando ele fez aquele trabalho de reconstrução, foi uma coisa meio milagrosa, como é que conseguiu fazer, e de repente, o que tinha sido destruído, quando vi aquilo construído, parece que um milagre aconteceu. Os caras mataram o homem.

E hoje o Líbano vive uma crise que eu acho realmente muito difícil. Eu acho que... Eu sei. Israel... O histórico tem direito a existir, essa coisa toda, mas acho que os palestinos também têm direito a ter a terra deles, a pátria deles.

Agora, o libanês é uma coisa fantástica. Ele nasce. Acho que ele é diferente. Ele tem espírito, ele tem grandeza, ele tem ideal. Ele vê as coisas com outros olhos, as planícies do Líbano, a árvore do Líbano. O meu pai, meu Deus do céu, quando ele falava do Líbano, chegava às lágrimas. E contava as histórias.

E contava a história do pai dele, a história da luta, a história da agricultura, a história da Síria ali do lado. Eu acho que o povo, nosso querido povo, ele é realmente uma situação especial. O libanês, e aqui no Brasil, em Caxias, que é a minha terra, eram nós, os Sebes, as quatro, cinco famílias. O resto era tudo italiano que veio da Itália. Gênero da Itália atravessaram o oceano. Ganharam as terras do imperador e construíram essa cidade espetacular que é a gente. A convivência da nossa comunidade é sensacional. Sem essa amizade, o carinho, o afeto que a gente teve, é uma coisa realmente espetacular. Esse é o libanês, São Paulo, meu Deus do céu. E tem uma coisa que eu admiro, é o hospital libanês e o hospital israelita. Os dois, um maior que o outro, o menor que o outro, cada vez numa disputa saudável e positiva. Este ano... O Hospital libanês vai fazer esse novo setor. E nós, os israelitas, vamos fazer isso para o Brasil. E numa confraternização, estão os grandes dois estados, os dois, o que tem de mais importância hoje em São Paulo. Então, eu vejo que, nessa hora que nós estamos vivendo, que é uma hora tão triste, tão difícil. Eu fico a me perguntar... O mundo é ingrato, o mundo é mau? Porque para você, para o mundo árabe, é uma confusão tão grande, e os grandes geram essa confusão porque não querem que se tente

Os de fora fazem essa confusão, aqui, ali, lá, porque não querem o entendimento que levaria para a explicação. E o Líbano, a vida inteira, é pacífico. Não tinha exército, não tinha arma, não tinha... Estava muito bem, respeitava-se muito, o país crescia. Até pouco tempo Beirute era chamado da Paris do Oriente Médio, porque tinha tudo que tinha Paris e mais tudo do mundo árabe. Eu me lembro das pessoas contarem as maravilhas que eram as maravilhas de Beirute. Hoje nós somos essa interrogação, interrogação triste, para onde é que nós vamos, o que nós vamos fazer? Eu topo participar da cruzada no sentido de nós, nós, libaneses, olharmos e vermos o que podemos fazer.

*** Tantos de origem libanesa na política e também nas artes, educação etc? A quem atribuí esse fenômeno?**

- É uma coisa muito lógica. É o povo libanês, é o sangue libanês, é a alma libanesa. Aquilo que tinha no Líbano, esse pessoal veio para cá e teve uma coisa realmente bonita e positiva. Meu pai viveu chorando pelo Líbano, adorava o Líbano. Foi ao Líbano várias vezes e tinha o maior respeito, mas gostava do Brasil também. Ele respeitava o Brasil, ele confiava no Brasil. Ele achava que o Brasil tinha que ser. Então, o libanês tem o espírito, o sangue, a cultura, a raça, a nacionalidade, a fé, a religião. Isso o libanês tem demais até, é um povo que tem cultura, tem fé, tem esperança e tem capacidade de pensar, de repetir e decidir. É o caso lá de Caxias, é a colônia italiana, a colônia italiana, aqui no Rio Grande do Sul. E São Paulo, meu Deus do céu, São Paulo, a colônia libanesa, é maior do que o do Líbano. Os descendentes de libaneses hoje em São Paulo são maiores do que o próprio Líbano. Quer dizer, e o ambiente que vive, se dando bem com Deus e todo mundo, quer dizer, o ambiente e isso que você está dizendo, na cultura, nas artes, no cinema, na música, na política, nós temos realmente o descendente libanês tão presente e com a tranquilidade de dizer eu amo o Líbano e eu amo o Brasil.

***Esse Líbano, ele está dentro do senhor ou apenas está numa saudade do seu pai?**

- Não. Também por intermédio, meu pai e dos patrícios, eu cresci assim.

Eu cresci amando o Brasil, amando Caxias. E eu cresci amando o Líbano. Eu, a minha irmã, a minha família toda, vivemos a dualidade com muita competência. E uma coisa que é interessante, nós, Caxias... convivemos com os italianos e eles amam o nosso Líbano, como nós gostamos da Itália. Então, tivemos uma amizade, eles viram a nossa festa da independência, e nós virmos a nossa festa deles. Quer dizer, isso é uma coisa que é bonita, porque não é uma coisa tática, não é com interesse ou nada, não é a beleza de uma cidade como o Líbano, é a beleza da história do Líbano. A beleza é isso que vemos, certo? O libanês já tem que acertar, que sabe tudo, conhece onde ele vai, está certo, mas é um lado positivo. Com essa disposição, com esse espírito de fazer, ele muitas vezes faz e muitas vezes acerta.

Eu cresci amando o Brasil, amando o Caxias. E eu cresci amando o Líbano. Eu, a minha irmã, a minha família toda, vivemos a dualidade com muita competência. E uma coisa que é interessante, nós, Caxias... convivemos com os italianos e eles amam o nosso Líbano, como nós gostamos da Itália. Então, tivemos uma amizade, eles viram a nossa



festa da independência, e nós virmos a nossa festa dele. Quer dizer, isso é uma coisa que é bonita, porque não é uma coisa tática, não é com interesse ou nada, não é a beleza de uma cidade como o Líbano, é a beleza da história do Líbano. A beleza é isso que vemos, certo? O libanês já tem que acertar, que sabe tudo, conhece onde ele vai, está certo, mas é um lado positivo. Com essa disposição, com esse espírito de fazer, ele muitas vezes faz e muitas vezes acerta.

***Dizem que na diáspora o libanês é muito bom no individual, mas no coletivo é um fracasso. O que o senhor acha disso?**

- Em parte tem razão. Agora, também tem faltado, veja... Eu vejo, por exemplo, agora, a vez passada, estive em São Paulo, aquele clube Monte Líbano, é fantástico, é uma demonstração de pujança, mas eu não saberia te responder, essa sua pergunta é muito pesada, é muito difícil, porque, na verdade, todo mundo gosta do Líbano, todo mundo defende o Líbano, mas medidas concretas não são tomadas.

O povo libanês aqui no Brasil é patriota, gosta do Líbano, se interessa muito. A primeira coisa que fazem quando melhoram de vida é ir para o Líbano, ajudar as famílias, etc. Mas esse sentimento que você está falando, realmente, eu não sinto. E acho que está aí uma coisa que.. Não sei se já foi feito, mas a Academia pode fazer isso.



Meu pai morreu com a carteira 19. Meu pai não tinha nem passaporte libanês. A carteira 19 foi expedida pela Turquia. E lá em Caxias, durante muito tempo, éramos chamados de turcos... Eu até falava, vocês não estão me ofendendo, me chamando de turco. Turquia é um grande país, mas eu sou libanês, e eu dava a explicação toda. Quando terminava a reunião, eles diziam, como fala bem esse turquinho! E ficamos chamados de turco por causa da carteira 19. Mas o meu pai nunca aceitou se naturalizar. Ele dizia: eu gosto do Brasil e gosto do Líbano. Eu nasci libanês e quero ficar libanês e morar no Brasil. E já velho, a gente foi para o Líbano, era uma emoção ele contando a história, ele dizendo aquelas coisas... Não, porque o figo no Líbano é fantástico, a azeitona é enorme.

• É verdade que o Sr. é franciscano e fez voto de pobreza?

- Essa casa que eu moro aqui, em Porto Alegre, é dos meus filhos. Eu não tenho patrimônio, absolutamente nada. Eu vivo da pensão que recebo. Não tenho casa, não tenho apartamento, não tenho negócio, não tenho dinheiro, etc. Nunca me preocupei em somar, em ganhar.

Quando eu estava no Ministério da Agricultura, algumas pessoas se uniram e apresentaram um projeto. Neste projeto solicitavam que o Ministério da Agricultura baixasse um decreto proibindo que as fábricas brasileiras de adubo pudessem usar materiais que são proibidos em alguns Estados. Tinha um adubo americano cheio de agrotóxicos que era proibido.

Não queriam entrar no Congresso Nacional, porque os donos da Atum, eram tão poderosos que não deixavam, não passava no Congresso Nacional. Eu estive lá tanto tempo e nunca consegui passar uma lei que regimentasse o uso do adubo. Resolvemos fazer uma portaria. Uma portaria determinando que é proibido fazer no Brasil. E entrou. E tem um estouro enorme.

O meu chefe de gabinete, era o COF, que foi presidente do CREMO, grande companheiro, ele recebeu um cheque e uma montanha de dinheiro para nós retirarmos o projeto.

Aí ele veio falar comigo, olha, senhor Ministro, é assim, assim, assim, e eu disse, é claro que não, não vou fazer, mas ele apresentou o cheque mesmo assim, e eu o coloquei na rua. Disse a ele, que deveria ter marcado com ele e recebido o cheque no teu hotel de noite. E de noite, quando ele te apresentasse o cheque, você gravava a conduta dele. Eu tive chances de ganhar, eu tive, com toda a saciedade.

Eu acho, da história da humanidade, da Igreja, da fé, o São Francisco foi fantástico. A vida dele, a humildade dele, ele se criou voltado para o bem, voltado para Deus, voltado para o respeito da criatura humana. E a pobreza, por exemplo. Pobre, zero. Uma das coisas mais fantásticas da história da Igreja Católica foi quando ele, sua família era de Ronaio, cheia de riqueza, e ele saiu, recebeu uma visão de Jesus, Jesus tinha dito a ele, vai reconstruir a Minha Casa, e ele foi por aí, se meteu principalmente com os leprosos, e foi criando, foi criando, foi criando uma grande comunidade para ajudar esses necessitados.

Realmente, ele conseguiu avançar e conseguiu crescer. Foi uma figura que, para mim, na minha opinião, na Igreja, a figura que tenho maior devoção é de São Francisco. E eu tenho esse espírito, não é nada, não tenho nada. Não falo, não discuto. Você me fez a pergunta e eu estou respondendo. Eu sou franciscano. Eu, na verdade, sou um pobre que não tem patrimônio e não me arrependo. Meus filhos estão bem, graças a Deus.

*** Conte-nos sobre teus pais, e a sua família.**

- Meu pai veio do Líbano e voltou para visitar várias vezes, mas morreu aqui. Morreu há uns 75 anos. Olha, era uma pessoa sábia. Tinha uns princípios árabes, as histórias que ele contava, era uma coisa toda realmente emocionante. Emocionante mesmo. Minha mãe era também libanesa, e os meus pais vieram casados do Líbano, com as minhas duas irmãs mais velhas nascidas lá. Agora, quando vieram para cá, tivemos mais duas irmãs, a minha mãe morreu muito cedo. Eu sou mais moço, tinha três irmãs. A última faleceu agora com 97 anos, seis meses atrás. A outra morreu com 92 anos e a outra morreu com 85 anos



. E eu que sou mais moço, estou vivo aqui. Não falo muito o árabe, porque não tinha mãe. Então, o meu pai aqui falava umas palavras em francês, outras em árabe, outras em português. Meus filhos já foram para o Líbano. Gosto de lá e acho muito bacana porque eles têm alegria. A verdade é que o pai, a gente debate com o filho, conta a história a qualquer momento... No Líbano é diferente. E é uma coisa interessante. Parece que gostar, amar o Líbano, falar do Líbano, é uma coisa que vem da alma, de pureza. Eu acho fantástico. Sinceramente, eu sempre coloquei na minha vida o carinho, o respeito que eu tenho por Deus.

Meu hobby sempre foi a leitura. Quando eu era pequeno, eu dormia muito pouco. Meu pai era viúvo, eu dormia com ele. E ele exigia que eu apagasse a luz. Então eu pegava um bico de luz, virava de lado para ele, botava ali e ficava lendo a noite inteira, ele não sabia. Sempre gostei de ler.

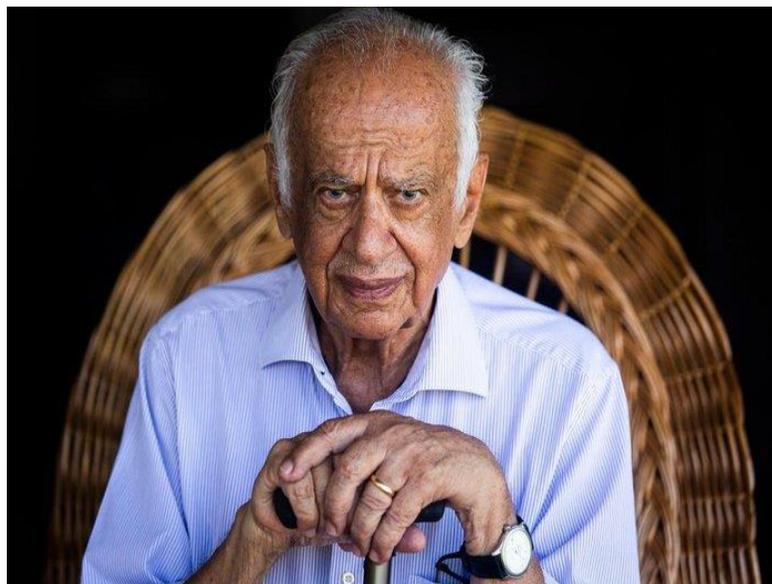
*** De onde o senhor acha que vem essa oratória, esse dom da oratória? Porque o senhor fala com as mãos também, isso ajuda quando vê na televisão, as pessoas ficam impressionadas.**

- Teve uma coisa interessante, nunca fiz curso nem nada, eu era muito pequenino, até os dois anos via com a vela na boca, mora e não mora. Cresci e fui adiante, mas sempre muito pequenino. Eu estava no colégio, na terceira série, ginásial, mas eu era pequenino, e fizeram um concurso de oratória no colégio. E me colocaram nesse concurso, e até hoje eu não sei o porquê. E eu nunca tinha a tendência a ser orador e fiquei em segundo lugar.

Veio a candidatura de Getúlio Vargas à presidência da República. Ele foi derrubado em 1945, e em 1950 ele foi candidato à presidência. E ele que andava presidente do Rio Grande do Sul naquela época fez dois comícios no Rio Grande do Sul, um em Pelotas e um em Caxias. No comício em Caxias tinha um mar de gente de todo o Rio Grande do Sul, porque era a única oportunidade.

Aí estava o presidente Zui, estava reunindo o pessoal, e todos os que eram candidatos a deputado, queriam falar. Veio a pergunta: “e aquele turquinho que falou ontem lá no negócio do Siqueira”? Quando fui chamado fui e disse o que falei. Getúlio gostou me abraçou, me beijou. E a forma que eu iniciei na oratória foi da maior ingenuidade do céu para a terra. Ninguém imaginou que eu, um turquinho todo pequenino, falaria para o presidente da República e o presidente da República gostaria e o abraçaria. Foi quando eu comecei. Agora, realmente é isso. As pessoas, quando eu falo, elas sentem que estou dizendo o que eu sinto. Eu falo com a alma. Eu não rodeio. É isso assim. Quando tem que dizer as palavras, digo as palavras que têm que ser ditas e digo aquilo que eu penso.

Foi uma emoção muito grande participar. Participar de uma vivência do nosso Líbano, e o meu filho está dizendo isso. Eu tenho vontade de não morrer antes de voltar ao Líbano.





CASO KLIEMANN/ O FAMOSO PROCESSO DEFENDIDO POR PEDRO SIMON

O julgamento do vereador de Santa Cruz do Sul acusado de matar
deputado em estúdio de rádio há 60 anos

A quadra esportiva do ginásio do Corinthians Sport Club, em Santa Cruz do Sul, no Vale do Rio Pardo, onde tantas vezes o deputado estadual Euclides Kliemann jogara basquete durante a juventude, estava apinhada de cadeiras ocupadas naquela madrugada de 2 de junho de 1965. No local, o vereador Floriano Peixoto Karan Menezes, mais conhecido pelo apelido de Marechal, seria julgado pelo homicídio político, ocorrido dois anos antes.

No Júri, pode-se perceber, nitidamente, uma divisão na plateia: de um lado, simpatizantes do PTB de Marechal, de outro, do PSD de Kliemann. O julgamento de Marechal havia começado no dia anterior. Quem está falando naquele momento é um jovem advogado natural de Caxias do Sul, na Serra, também deputado estadual em primeiro mandato pelo PTB. Assim como em seus discursos na Assembleia, demonstra eloquência, gesticula, alterna o tom de voz. Conduz um espetáculo de oratória, para deleite da plateia. Seu nome é Pedro Simon.

Após o golpe de 1964 e o exílio de Jango no Uruguai, houve uma debandada dos advogados encarregados da defesa de Marechal. Criminalistas sondados para substituí-los não se interessaram nem em apresentar orçamento de honorários. Em tempos de ditadura, ninguém queria ser o representante de um homem ligado a sigla de esquerda que havia assassinado um político conservador. Apenas Simon topou, a pedido do partido.

A fim de se preparar para o júri de Marechal, Simon leu e releu a miscelânea de papéis avulsos que compunham o inquérito do assassinato de Margit Kliemann, esposa de Euclides Kliemann, assassinado um ano antes dele.

Simon sabia que as suspeitas levantadas contra o deputado foram o estopim do desfecho trágico no estúdio da Rádio Santa Cruz, e não haveria como fugir desse tema diante dos jurados. A análise do caso acendeu em Simon uma convicção que mantém até hoje.

— Tenho certeza de que o Kliemann não teve nada a ver com a morte da esposa — assegura o ex-senador, que conversou com a reportagem na última segunda-feira (21).

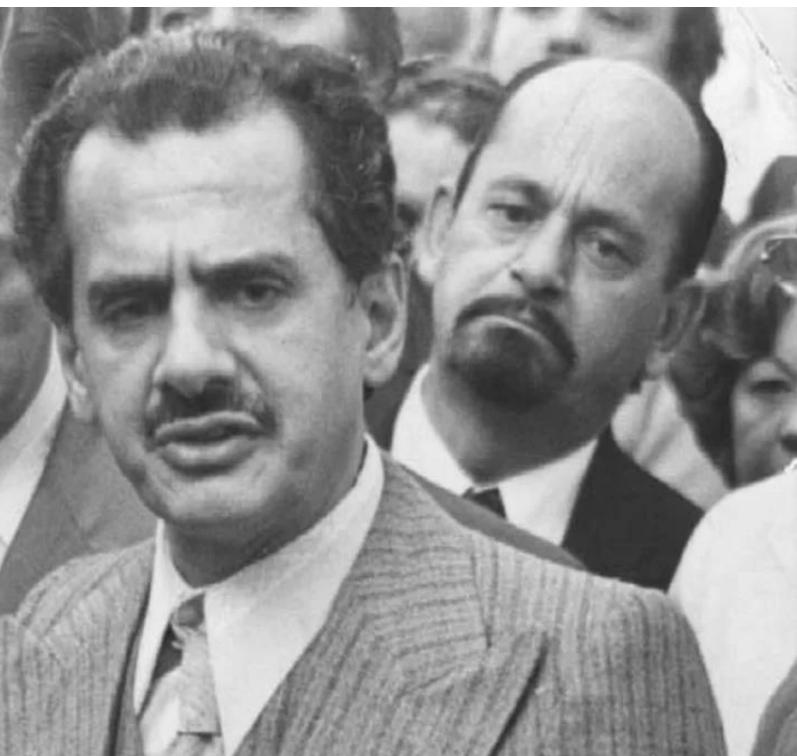
— O delegado (Julio Moraes) me procurou e entregou o inquérito. Ele tinha convicção absoluta de que o Kliemann era o culpado. Mas naquele inquérito não tinha nada para dizer que foi ele.

Por outro lado, Simon também rechaça a hipótese de que Kliemann tenha sido assassinado na esteira de uma conspiração política:

— Conheci os dois lados desta história. O Marechal era uma pessoa simples, pacata, não se meteria a fazer uma coisa dessas.

Para o ex-senador, Marechal não agiu por impulso, assustado ante a invasão repentina de Kliemann ao estúdio:

— Marechal não quis dizer que o Kliemann era o assassino.



Depois das acusações que o Kliemann tinha feito na rádio, Marechal quis dizer que, assim como falavam do PTB, também falavam do Kliemann.

Mas o Kliemann estava muito irritado, muito abalado com a morte da esposa e com as acusações do delegado, estava enlouquecido. Só sei que, quando Marechal viu o Kliemann entrando, atirou. Foi um drama tremendo.

Foi esse argumento que Simon levou para o ginásio do Corinthians naquele início de junho de 1965. Diante dos jurados, derramou-se em elogios a Kliemann. Sabia que a estratégia de bater na vítima, tão empregada pela defesa de réus nos tribunais, não colaria em Santa Cruz do Sul.

— A culpa não é do Kliemann, a culpa não é do Marechal. A culpa é dessa mídia que massacrou e deixou Kliemann com os nervos à flor da pele — concluiu, no tribunal, arrancando aplausos de ambos os lados da plateia.

— Até familiares do Kliemann vieram me abraçar depois — relembra o ex-senador, hoje com 93 anos.

A retórica também conquistou a maioria dos jurados, que acolheu em placar apertado a tese defensiva de excesso culposo. A sentença minúscula, de um ano e meio, colocava Marechal em liberdade, dado que já aguardava o julgamento preso. Contudo, o Ministério Público (MP) recorreu alegando que o resultado contrariava a prova dos autos e o Tribunal de Justiça (TJ) acolheu o recurso, marcando novo júri para 10 de dezembro de 1965.

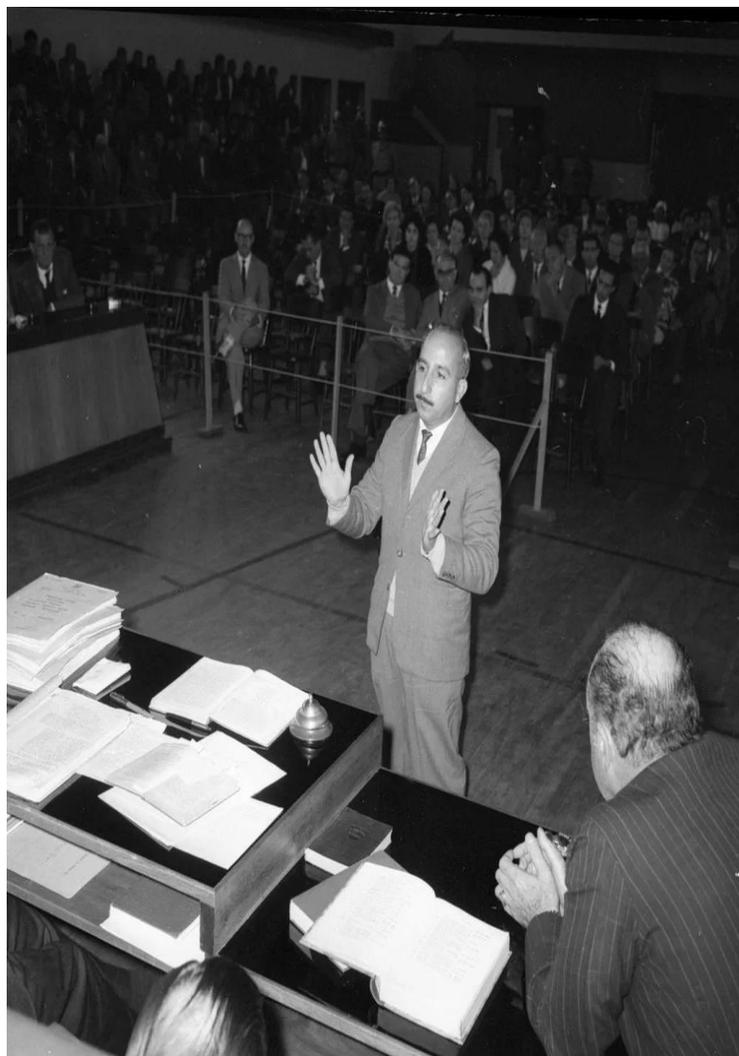
No segundo julgamento, Simon não foi tão feliz e Marechal acabou condenado a seis anos e meio por homicídio simples, em novo placar apertado. O vereador teria de continuar preso para o cumprimento da sentença. Na Cadeia Municipal de Santa Cruz, gradativamente foi se tornando uma liderança positiva entre os detentos.

Estava sempre pronto para uma boa charla, acalmava os mais exaltados, aconselhava os mais jovens a mudar de vida. Logo passou a trabalhar na contabilidade do presídio e como professor dos detentos, chegando a alfabetizar muitos. Conversava sobre tudo, menos sobre a morte de Kliemann

Após cumprir a pena, Marechal, que já fora gerente da Caixa Econômica Federal em Santa Cruz do Sul, transferiu-se para Guaíba, onde passou a trabalhar na contabilidade de uma empresa arroseira. Levou consigo a esposa e os seis filhos.

Dizia-se que a família preferiu deixar Santa Cruz do Sul para evitar constrangimentos. Após 10 anos, Floriano se aposentou e rumou com a família para ainda mais longe, São José, em Santa Catarina. Lá, o casal teve mais um filho. Marechal morreu aos 80 anos, em 8 de abril de 2004, vítima de tumor cerebral.

Se ele fora mesmo peça de uma conspiração política, nunca se comprovou. O fato é que o tiro disparado nos estúdios da Rádio Santa Cruz, há quase 60 anos, mais do que impactar o cenário político gaúcho, desgraçou duas famílias: a da vítima e a do autor.



*** Extraído do texto de Ricardo Düren (gauchazh)**



Floresta Encantada

ACADÊMICO CARLOS NEJAR

O poema é uma floresta encantada. Tem ritmo, música e todas as flores, árvores sonolentas ou acordadas, folhas de raiz e unidade. Cipós e sonhos, metáforas e símbolos ou arbustos sonoros de orvalho, cristais de fábulas nadando como peixes no lago.

O poema é uma floresta de sentidos, que se abrem como clareiras ao sol . E é como volto à infância, ao menino,

que inventava esconderijos nalguma árvore, ou aprendeu que as árvores falam e veem.

E me vem à memória, de quando na escola fui sendo alfabetizado , também as árvores se alfabetizavam naquelas letras sequiosas. E ao ler, comecei a verificar que o mundo

era palavra, que havia também um mundo dentro delas e era preciso desvendar o mistério, a floresta encantada de uma imaginação que não dorme e se ergue com o vento.

E é como fiz , desde então, camaradagem com o vento que sabe ouvir e carregar sementes , que emigram para uma terra nova.

Recordo a figura de meu pai Sady, negociante e que me trazia livros, enciclopédias, coleções de Shakespeare, Macha-

do, José de Alencar , *Tesouro da Juventude, Mundo Pitoresco.*

E isso se mesclava à imaginação do universo que surgia e se enredava nos silvestres troncos de versos ou rimas ou signos.

E como anotou Jorge de Lima, poeta injustamente esquecido:

“O céu jamais me dê a tentação funesta/ de adormecer ao léu,

na lomba da floresta”. E adiante Jorge diz que o sono nos espia. Sim, o sono das árvores. Que a floresta do poema é insondável e não para de acordar.

CARLOS NEJAR

É escritor. Da Academia Brasileira de Letras.
*Pres. de Honra da Academia Líbano-Brasileira
de Letras, Artes e Ciências*

Eventos

Acadêmica Cássia Curan Turci eleita Vice-Reitora da UFRJ

* Da Redação

Na presença de autoridades, professores, pró-reitores, ex-reitores, deputados federais e estaduais, vereadores e representantes do Governo Federal, Roberto Medronho e Cássia Curan Turci assumiram no dia 4 de agosto a gestão da maior universidade federal do país, a UFRJ, em cerimônia oficial de transmissão de cargos de reitor e vice-reitor. O evento aconteceu no auditório Horta Barbosa, no Centro de Tecnologia da UFRJ.

A nova vice-reitora, Professora Dra. Cássia Curan Turci declarou que uma das prioridades para a nova gestão é a infraestrutura. “Vemos como fundamental investir na infraestrutura física para tornar os ambientes de ensino-aprendizagem, de pesquisa e administrativos mais adequados a uma universidade do porte da UFRJ”, salientou Turci.

A cerimônia também contou com apresentações de Noca da Portela, Tira o Dedo do Pudim, Orquestra de Sopro da UFRJ e Violões do Museu.

Cássia Curan Turci é professora titular do Instituto de Química. Foi decana do Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza. É doutora em Físico-Química pela UFRJ, com período sanduíche pela Universidade McMaster (Canadá), onde fez seu pós-doutorado. Mestre em Química pelo Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), tem três especializações, dentre elas uma na área de Radiação pelo Centro Internacional de Física Teórica (Itália).

A pesquisadora é graduada em Engenharia Química pela Escola de Engenharia Mauá. Foi diretora do Instituto de Química de 2004 a 2012 e de 2013 a 2017. Além disso, coordenou o Grupo de Trabalho Álcool, que funcionou durante o período crítico de covid-19 e produziu mais de 150 mil litros de álcool, gerando uma economia de cerca de R\$ 1,5 milhão aos cofres da UFRJ.

A Profa. Dra. Cássia Curan Turci é membro a Academia Líbano-Brasileira de Letras, Artes e Ciências, ocupando a cadeira de N° 23 cuja patrona é a saudosa Neusa Margem, física brasileira de origem libanesa, uma das pioneiras no estudo de física de partículas no Brasil.



Maroun Bagdadi: Uma vida entre o cinema e a guerra

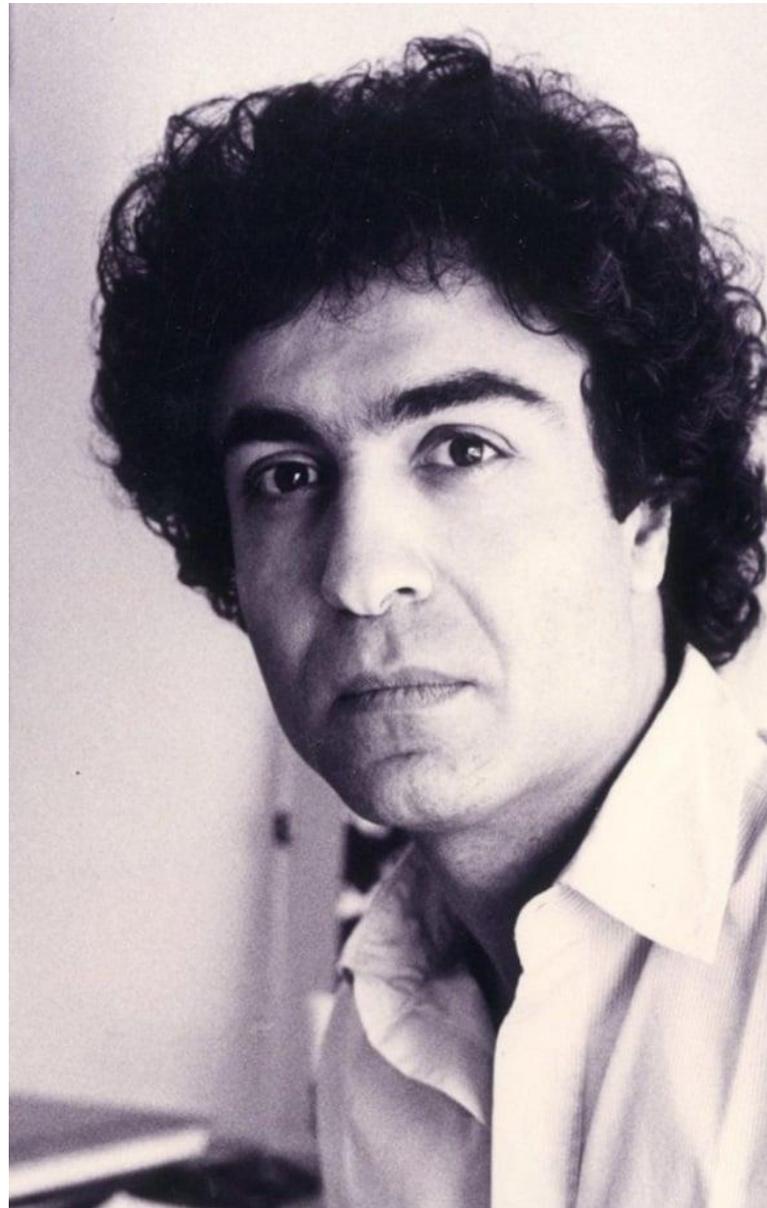
Sessão Cinema

* Samir Barghouti

Maroun Bagdadi (1950-1993) foi um dos principais cineastas libaneses e fez parte da geração da "decepção e dos sonhos"; uma geração que construiu a lenda de Beirute para depois descobrir a destruição das lendas no meio das guerras, das loucuras e dos fracassos. A câmara de Bagdadi registrou esse período de muito perto, onde sua vida era o espelho de uma geração de estudantes dos anos 60 que se comprometeram numa aventura de mudanças com seus desvios e todos seus dramas.

Maroun Bagdadi nasceu em Beirute em 1950, fez curso de Direito e ciências políticas na Universidade de Saint Joseph, quando entrou em contato com o movimento estudantil que era um dos pilares da vida política do Líbano da época. Dalí nasceu a sua relação com a esquerda libanesa e a resistência palestina. Bagdadi acabou produzindo documentos e pensamentos que falavam da revolução contra a ordem sectária assumida como segmento da infraestrutura capitalista mais vasta. Eram concepções em discursos comoventes e afáveis. Durante seus estudos, Bagdadi trabalhou na imprensa, onde publicou artigos nos jornais "Le Jour" e no "LOrient Le Jour".

Após terminar a faculdade, Maroun parte para a França a fim de estudar ciências políticas na Sorbonne, mas termina fazendo cinema na IDHEC, em Paris. Em 1973, Bagdadi volta ao Líbano e começa a trabalhar na Télé-Liban, fazendo a sua primeira produção para a televisão, um programa educacional chamado 7½. Em 1975, na véspera da guerra civil, ele dirige seu primeiro longa-metragem "Beyrouth Ya Beyrouth".



Durante a guerra civil, Bagdadi faz muitos filmes-documentários que são arquivos da guerra libanesa em suas diversas fases. Em 1981, ele produz seu 2º longa metragem, "Pequenas Guerras", na véspera do cerco a Beirute, em 1982. Já no ano de 1984, Maroun volta a morar em Paris, quando finaliza seis filmes, sendo três deles para a televisão. Bagdadi se casa com Soraya Houry e tem três filhos: Charif, Nayla e Kamel, que nasceu após a morte de Maroun.

Houroub Saghira (Pequenas Guerras – tr livre) foi exibido no Festival de Cannes de 1982, com o comentário de um importante crítico de cinema que disse: "Fazer um filme sobre Beirute que evita polêmicas por questões mais universais e humanas é uma conquista." Há alguns que analisam cronologicamente os filmes de Bagdadi como sendo a demonstração de como a Guerra Civil resultou numa queda gradual para a desumanização em geral, e cada vez mais ameaça à masculinidade em particular.



Em tempo: foi nesse filme que o ganhador do Oscar de melhor trilha sonora, o libanês Gabriel Yared, compôs a sua primeira trilha sonora para um longa metragem.

A filmografia de Bagdadi está circunscrita a 15 títulos, quais sejam: "Beyrouth, Ó Beyrouth" (1974); "Le Sud-Liban va bien...donnez-nous de vos nouvelles La majorité silencieuse – Kafarkala" (1975); "Hommage à Kamal Joublatt" (1977); "La plus Belle de mères- Quatre-vingt dix Mikael Naymé" (1978); "Tous pour la patrie – Histoire d'un village et d'une guerre" (1979); "Murmures – Nadia Tueni" (1980); "Petites guerres" – Achoura (1981); "On poursuit la marche" (1982); "La reconstruction de Beyrouth" (1983); "Guerre contre la guerre" (1984); "L'homme voilé/Liban, le pays du miel et de l'encens" (1987); "Marat" (1988); "Lent, lent comme les vents" (1989); "Hors la vie" (1991); "La fille de l'air" (1992).

Bagdadi ganhou o Prêmio do júri no Festival de Cinema de Cannes de 1991 por "Out of Life" (Hors La Vie), e o Prêmio de honra do júri no Documentário e Filme de Animação do Festival Internacional de Leipzig para "Koullouna Lil Watan".

Em 1993, Baghdadi volta a Beirute para rodar o filme "Recoins", quando morre com apenas 43 anos, depois de cair no poço de um elevador.

Em uma recente revisão do filme para o New Yorker, Richard Brody escreveu que "o único elemento de esperança do filme "Pequenas Guerras" está no cartão do título no início - a alegação e o desejo de que seja um filme não do presente, mas do passado."

Sempre que assistimos ao filme "Pequenas Guerras", vêm à mente coisas atuais do mundo como pandemia, guerras, conflitos e fome, mas também isso dá a certeza de que não devemos ter medo desse presente catastrófico; é onde vidas são vividas. E é também por isso que as pessoas ficam.

Prof. Samir Barghouti

Presidente da Câmara de Comércio Líbano-Brasileira do Rio Grande do Sul e acadêmico da Academia Líbano-Brasileira.

Rota da seda no Líbano: Camponês saciado, Sultão escondido

* Da Redação

“Mesmo que a rota da minha vida me conduza a uma estrela, nem por isso fui dispensado de percorrer os caminhos do mundo.” (José Saramago).

O provérbio libanês “فلاح مكفي سلطان مخفي” (fellah mekfi, sultan mukhfi - um camponês saciado é um sultão oculto) dá a dica para entender a história do Líbano, pois temos que compreender a característica de seu povo ao longo de sua formação. A natureza agrícola do Líbano, que persistiu por séculos, fez do país uma república das aldeias e não das cidades.

A vida girava em torno dos vilarejos e seus moradores costumavam cultivar todo tipo de vegetal e frutos para o consumo das famílias, mas eles tinham uma fonte de renda extra que vinha da comercialização da seda, cuja matéria prima era extraída do cultivo da amora (tut, em árabe), uma vez que suas folhas serviam de alimento para as lagartas do bicho-da-seda, produtoras dessa seda.

No século IV a.C., sob o Império de Ciro (556-530 a.C.), os Persas abriram as rotas das caravanas de seda chinesa - tecida e crua - para a Fenícia. Portanto, a história da seda no Líbano remonta há mais de dois mil anos, época do famoso corante roxo, quando os fenícios nas cidades de Sidon e Tiro extraíam a ardósia murex para produzir a seda imperial.



Durante o reinado do imperador Justiniano no século VII d.C., a indústria da seda se desenvolveu nas montanhas libanesas sob o domínio do príncipe Fakhr al-Din, e que incluía também a costa. A verdade é que o Líbano foi uma das estações da Rota da Seda que atravessava a região árabe e chegava até a Índia e China, sem esquecer, é claro, a cidade de Roma.

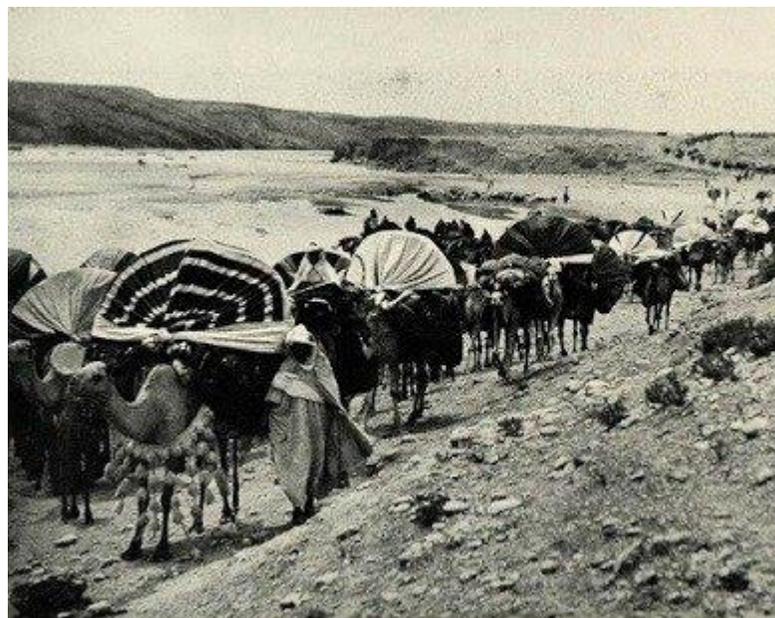
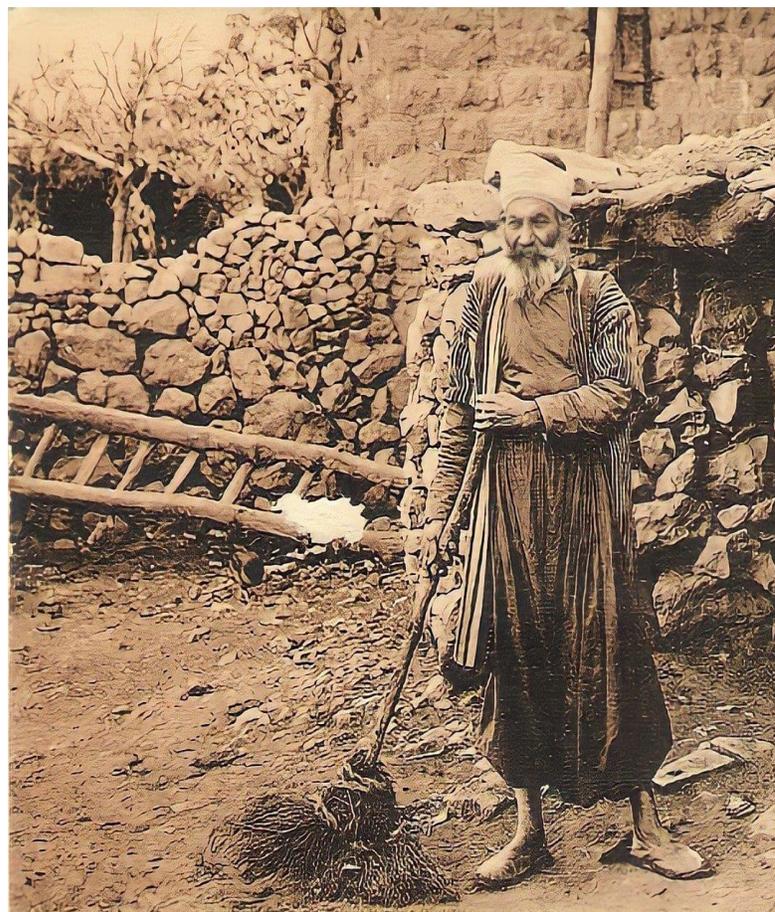
Em 1841, Prosper, Nicolas, Joseph e Antoine Fortuny Portales construíram a primeira fábrica para desamarrar casulos e fiar seda, a chamada كرخانة (Kerkhaneh) na cidade de Btater, na região de Chouf.

Naquela época, eles trouxeram da França grupos de fiandeiras profissionais para treinar as mulheres. Esta foi a primeira vez que as mulheres saíram de casa para trabalhar, o que causou uma revolução social neste ambiente rural tradicional.

É importante mencionar que o transporte dos casulos e seda entre os portos de Beirute e Marselha teve como resultado o estabelecimento no Líbano de empresas de transporte marítimo, os empréstimos concedidos a corretores e comerciantes, a abertura de centros de financiamento, a criação do primeiro banco libanês e o desenvolvimento do porto de Beirute.

Com o passar do tempo, a seda libanesa começava a sofrer uma intensa competição externa, e o cultivo das amoreiras foi diminuindo também no interior e nas montanhas. Por outro lado, as necessidades do mercado eram supridas por iniciativas individuais, tendo à frente a indústria do cultivo de videiras, em franca expansão à época, e que trazia com ela a uva, o vinho, as passas, o melaço, as azeitonas, o tabaco, a cana-de-açúcar, a banana, e outros produtos agrícolas.

Hoje em dia, a amora ainda é plantada e cultivada nas aldeias do país, transportando no seu bojo a saudade dum tempo romântico e a biografia exuberante das montanhas do Líbano. O resto...bem o resto são contos de libanês.





O poder de um Turbante

RENATA ABALÉM

Incomparável! Assim é Janete Clair, patronesse da Cadeira de n. 18 desta Academia, que tenho a honra de ocupar. Quando me coube essa audácia, fazia uma tímida ideia do alcance da obra daquela que foi chamada por Carlos Drummond de Andrade de “A Usineira de Sonhos” e por outros de “Maga das Oito” ou “Nossa Senhora das Oito”, - em referência ao horário das novelas que a consagrou. Mas todas as minhas impressões sobre a obra de Janete caíram por terra quando tive a oportunidade de me debruçar, ao menos superficialmente, sobre as personagens que ela construiu na década de 70, sem internet e sem muito suporte de pesquisa.

Ouso dizer que é coisa de gênio. Ouso dizer que as suas histórias impulsionaram a sociedade brasileira a saltar anos em poucos capítulos. Ouso dizer que os traços de personalidade dos seus protagonistas é de uma singularidade que alcança os “clássicos”.

E é sobre isso. Personagens. Aqueles que nos inspiram, dos que sentimos saudades, os que amamos e odiamos. Janete criou Carlão, Herculanos, Laras e Dianãs, Joãoes como ninguém. Dela, veio o primeiro “quem matou”? matou

E é para lá que vamos: “Quem matou Salomão Hayala?” - Ou melhor, o recorte que faço nesse texto é da novela “O Astro”, cujo protagonista, Herculano Quintanilha, começa seu arco histórico como vidente de churrascaria, usando um sensacional turbante azul. Herculano, na minha mente, será sempre aquele representado por Francisco Cuoco em 1977, de passado misterioso e impreciso, que, usando de um carisma metafísico e sobrenatural, se torna a pessoa central em uma família de descendentes de libaneses e passa a opinar no futuro das empresas desse clã. Não é pouca coisa. Ora, desde que o mundo é mundo, o charlatanismo é atraente. A vidência, a cartomancia, a astrologia, a sensibilidade, são substratos que nos catapultam para as respostas que não podemos dar. Nós estamos cheios de exemplos na história humana. Alçado à conselheiro pessoal e também empresarial do principal herdeiro do grupo econômico, Herculano começa a fraudar os negócios e, descoberto, foge para um país da América Latina, onde se torna braço direito de um presidente ditador, servindo-o como guru.

Assim, pergunto e respondo ao mesmo tempo: de que fonte inspiradora bebeu Janete Clair para compor o Professor Herculano Quintanilha?

O final da personagem em país latino, nos faz lembrar do “El Brujo”, o vidente que, ao ver o argentino Perón morto no chão, gritava sem parar: - “Faraó, meu Faraó!.. Ressuscita!

Sem sucesso na ressurreição, enfia na cabeça da primeira dama – Isabelita, que iria transferir para seu corpo o espírito de Evita, sim... pasmem! Em cerimônias noturnas de cemitério.

Para além mar, a inspiração de Janete Clair bebe de outro charlatão, porque entendam: a imaginação de “Jenete,” como foi batizada pelo pai libanês, não tinha limites.. falo do também guru divinatório Rasputim que de igual maneira influenciava Nicolau II, o último Imperador da Rússia.

Com turbante ou sem, os guias espirituais têm seu lugar na história, seja ela dos livros acadêmicos ou das telas de TV.

É o verdadeiro poder aquele que influencia o poder.

Em “O Astro”, a “Maga” criou um suspense policial novelesco. O mistério sobre a morte de Salomão Hayala durou mais de 90 capítulos, mais de cinco meses, tornando-se a primeira novela do gênero na teledramaturgia brasileira e de padrão exportação.

Dia 16 de novembro foi aniversário da morte de Janete. 40 anos. Ainda hoje tão atual como são as histórias: imortais.

Eu, da cadeira 18, só posso pedir aos céus que me privilegie com enredos tão sensacionais, mas dispense os cemitérios e seus rituais.

Renata Abalém

Dra. Renata Abalém

É advogada, escritora e secretária geral da Academia Líbano-Brasileira de Letras, Artes, e Ciências.



POESIA EM ÁRABE
MAHMOUD DARWICH



Pense nos outros
Mahmoud Darwich

فكر بغيرك
محمود درويش

“Enquanto você prepara o seu café da manhã, pense nos outros; [Não se esqueça de alimentar os pombos]

وَأَنْتَ تُعِدُّ فُطُورَكَ ' فَكِّرْ بِغَيْرِكَ
[لَا تَنْسَ قُوتَ الْحَمَامِ]

Enquanto você trava suas guerras, pense nos outros; [Não se esqueça daqueles que pedem a paz]

وَأَنْتَ تَخُوضُ حُرُوبَكَ، فَكِّرْ بِغَيْرِكَ
[لَا تَنْسَ مَنْ يَطْلُبُونَ السَّلَامَ]

Ao pagar a sua conta de água, pense nos outros; [Que buscam sustento nas nuvens, não em uma torneira]

وَأَنْتَ تُسَدِّدُ فَاتُورَةَ الْمَاءِ، فَكِّرْ بِغَيْرِكَ
[مَنْ يَرْضَعُونَ الْغَمَامَ]

Enquanto você volta para casa – para sua casa – pense nos outros; [Como aqueles que vivem em tendas]

وَأَنْتَ تَعُودُ إِلَى الْبَيْتِ، بَيْتِكَ، فَكِّرْ بِغَيْرِكَ
[لَا تَنْسَ شَعْبَ الْخِيَامِ]

Enquanto você dorme contando planetas, pense nos outros; [Quem não consegue encontrar um lugar para dormir]

وَأَنْتَ تَنَامُ وَتُحْصِي الْكَوَاكِبَ، فَكِّرْ بِغَيْرِكَ
[نَمَّةٌ مَنْ لَمْ يَجِدْ حَيِّزًا لِلْمَنَامِ]

Enquanto você se liberta das metáforas sofisticadas, pense nos outros; [Que perderam o direito de falar]

وَأَنْتَ تَحْرِرُ نَفْسَكَ بِالِاسْتِعَارَاتِ، فَكِّرْ بِغَيْرِكَ
[مَنْ فَفَدُوا حَقَّهُمْ فِي الْكَلَامِ]

E enquanto você pensa nos outros, distantes, pense em você; [E diga: Quem dera que eu fosse uma vela na escuridão]”

وَأَنْتَ تَفَكِّرُ بِالْآخِرِينَ الْبَعِيدِينَ، فَكِّرْ بِنَفْسِكَ
[قُلْ: لَيْتَنِي شَمْعَةٌ فِي الظَّلَامِ]

PATRONO DE HONRA



**DR. ROBERTO
CURI HALLAL**

PATRONOS



1) ANTÔNIO HOUAISS



2) ASSAAD YOUSEF ZAIDAN



3) ROSE MARIE MURARO



4) ADIB JATENE



5) ELIAS FARHAT



6) EMIL FARHAT



7) ALMIR CHEDIAK



8) ODETTE EID



9) ARNALDO JABOR



10) FÁBIO SABAG



11) AZIZ AB`SABER



12) CHAFIC MALUF



13) ANTÔNIO MALUF



14) DIANA MUSSA



15) FOED CASTRO CHAMMA



16) ANTÔNIO NÁSSARA



17) IVON CURI



18) JANETE CLAIR



19) JOÃO SAYAD



20) TITO MADI



21) JAMIL AL MANSUR HADDAD



22) MANSOUR CHALITA



23) NEUSA MARGEM



24) PETER MEDAWAR



25) SALIM MIGUEL



26) ADIB FERES SAD



27) JORGE ZAHAR



28) TUNAI



29) ANTONIO ABUJAMRA



30) WALTER HUGO KHOURI



31) JAMIL HADDAD



32) JORGE MEDAUAR



**33) ALPHONSE NAGIB
SABBAGH**



**34) SAMIRA NAHID
MESQUITA**